

## Arqueologia Medieval em Portugal: 25 anos de investigação <sup>1</sup>

Isabel Cristina Ferreira Fernandes <sup>2</sup>

### ABSTRACT

This paper presents a state of the art on medieval archaeology in Portugal, concerning the last 25 years. The importance of the studies on ceramics and castles is underlined as well as the role of some publications to the development of the research. It also includes some statistical data and a view on the evolution of the university teaching of medieval archaeology.

### ANTES DOS ANOS 80

Entender a evolução do interesse pela cultura material medievá, seja plasmada na obra de arte, no objecto do quotidiano ou na arquitectura, é indispensável para chegarmos ao limiar das abordagens arqueológicas deste período em Portugal.

Nos finais de oitocentos e no arranque da nova centúria, o conceito de *antiguidade* entendida como vestígio material do passado humano exprimia e resumia também o da arqueologia praticada no território nacional, a par de uma arqueologia pré-histórica que se gerara no seio da Comissão Geológica do Reino. José Leite de Vasconcelos, com inúmeros artigos em *O Archeologo Português*, Estácio da Veiga com o seu levantamento de antiguidades do Algarve e escavações em vários locais da região, Santos Rocha com a localização de sítios arqueológicos no Algarve e muitos outros autores da mesma revista, são os primeiros verdadeiros protagonistas da história da arqueologia portuguesa <sup>3</sup>, já com algumas referências ao período islâmico, responsáveis por preciosos inventários e descritivos de sítios e monumentos e pela recolha de espólio que veio a integrar as colecções arqueológicas de vários museus, entre os quais o Museu Etnológico Português, onde passa a existir uma secção para a «Epoca Arabica» <sup>4</sup>.

<sup>1</sup> O texto de base que originou este artigo foi apresentado no encontro *Le Moyen Âge vu d'Ailleurs III*, realizado na Casa de Velázquez, Madrid, em 2005 e organizado por esta entidade e pelo Centre d' Études Médiévales d' Auxerre (CNRS-Université de Bourgogne).

<sup>2</sup> Arqueóloga. Museu Municipal de Palmela.

<sup>3</sup> Sobre as iniciativas pioneiras da arqueologia portuguesa e as atitudes da sociedade civil face ao património cultural / arqueológico veja-se Carlos Fabião, na revista *Al-Madan* (1999:110-112), que destaca as intervenções no templo romano de Évora e em Tróia, bem como a acção de Estácio da Veiga e de Martins Sarmento. Também António Carlos Silva reflecte, no mesmo periódico, sobre os primeiros tempos da arqueologia portuguesa (1999: 133). Sobre arqueologia medieval portuguesa vejam-se os pontos de situação publicados por Luís Fontes na revista *Arqueologia & História*, vol. 54, 2002, p. 221-238 e por Rosa Varela Gomes, sobre arqueologia islâmica, na mesma revista, vol. 54, 2002, p. 203-220.

<sup>4</sup> Hoje Museu Nacional de Arqueologia. Outros museus que nesta altura dispunham de colecções do período islâmico eram o Museu de Faro, o Museu de Beja, o Museu do Carmo e o Museu de Braga.

Desde pelo menos o último quartel do séc. XIX que se tornara acesa a discussão em torno do monumento, da sua conservação, reabilitação e classificação. A grande delapidação e o abandono de importantes exemplares arquitectónicos nacionais, de que se destacam os religiosos por força da legislação liberal, gerou fortes movimentações por parte da intelectualidade da época. As sucessivas Comissões dos Monumentos Nacionais que então tutelavam o património edificado português, orientavam a sua acção para a selecção de monumentos a classificar, no que eram secundadas pela Associação dos Arquitectos Cívicos e Arqueólogos Portugueses, encabeçada pelo arquitecto Joaquim Possidónio da Silva. Nestas listas de monumentos a classificar incluíam-se primordialmente as igrejas, os mosteiros e os castelos. Quase todos eram exemplares do período medieval, reconhecidos pelo valor histórico e arquitectónico, que importava preservar e valorizar. Porém, a carência de meios financeiros e as convulsões políticas que agitavam o país em finais de oitocentos e nas primeiras décadas do séc. XX, não permitiram mais do que tímidos ensaios de restauro nalguns dos monumentos. Cabe no entanto aqui uma palavra sobre o tipo de restauro prevalecente em Portugal neste período, na medida em que os critérios adoptados ajudaram à afirmação da componente arqueológica. Os princípios seguidos aproximavam-se mais da linha de Camillo Boito do que da Viollet-le-Duciana, valorizando moderadamente o medievalismo e partindo da leitura “arqueológica” do monumento.

Com a instauração da ditadura em 1926 e a criação de um organismo vocacionado para as obras em monumentos nacionais – a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais –, um novo impulso é dado às intervenções de restauro e é traçada uma linha criterial de acção ao serviço dos interesses do Estado Novo. A máquina propagandística do regime pôs em marcha um plano de exaltação dos valores nacionais, dos momentos e dos símbolos de um passado glorioso em que os castelos e as igrejas medievais assumiam o papel principal. Certo é que, graças à excessiva importância que lhes é cometida, estes monumentos vão ser alvo de reabilitações, muitas delas com resultados bem questionáveis, e motivam a primazia dos estudos de história e arte medievais. Os critérios que presidem aos restauros aproximam-se agora da *unidade de estilo* e da reintegração estilística e, pelo menos teoricamente, reclamam fundamentar-se na análise histórica e arqueológica. Efectivamente, era apenas através dos desaterros e das escavações de obra que se colocavam à vista estruturas anteriores e se recolhiam artefactos e elementos arquitectónicos e escultóricos que os restauradores supostamente utilizariam para legitimar a reconstrução. A noção de arqueologia resumia-se pois a estes registos e não era efectuada por um arqueólogo mas pelos técnicos e responsáveis da empreitada. De qualquer modo, é a proximidade ao conceito de arqueologia aplicado a elementos medievais que nos interessa destacar, enquanto durou o vigor interventivo da DGEMN neste tipo de monumentos, ou seja, até aos anos 50<sup>5</sup>.

A par destas iniciativas directamente ligadas ao poder vigente, regista-se uma atenção especial no estudo do período suevo-visigótico, ainda que com tímidas participações da arqueologia (Fontes, 2002: 223)<sup>6</sup>. Para o Sul do país, são marcantes os textos de Abel Viana, *Suevos e Visigodos no Baixo Alentejo (Bracara Augusta, Braga, 1959)* e de Fernando de Almeida, *Arte Visigótica em Portugal* (Lisboa, 1962), além de artigos de Afonso do Paço e de Vergílio Correia. A Alta Idade Média recebe também nesta altura importantes contributos ao nível da História da Arte, nomeadamente com a publicação da *História da Arte em Portugal*, por Aarão de Lacerda (1942), dinâmica a que não foi alheia a realização em Lisboa e no Porto, em 1949, do *XVI Congresso Internacional de História da Arte*.

Em 1968 realiza-se em Mérida o 11<sup>o</sup> Congresso Nacional de Arqueologia, onde pela primeira vez em Espanha a Arqueologia Medieval aparece com apartado autónomo, assumindo-se como

<sup>5</sup> Sobre este assunto ver Fernandes, 2005: 159-194, e Neto, 2001.

<sup>6</sup> Para além de várias obras então editadas, em torno desta temática, são de destacar vários encontros científicos de âmbito internacional, realizados em Braga entre 1950 e 1965, cujas actas se encontram publicadas na revista *Bracara Augusta*, uma edição da Câmara Municipal de Braga (Fontes, 2002: 223).

campo de investigação paralelo aos demais períodos classicamente estruturados. No âmbito deste congresso, onde participou D. Fernando de Almeida, houve uma deslocação a Portugal que permitiu a muitos arqueólogos espanhóis os primeiros contactos com a realidade arqueológica portuguesa<sup>7</sup>.

Até aos anos 70, a arqueologia medieval em Portugal resume-se efectivamente a recolhas dispersas, muitas vezes associadas a investigações de campo cujo objectivo era a Pré-história ou o período Romano. Uma boa parte das peças deu entrada em museus regionais ou no Museu Nacional de Arqueologia e outra foi juntar-se ao coleccionismo particular. Dentre estas peças figuram essencialmente cerâmicas, nomeadamente de época islâmica, pedras decoradas ditas visigóticas (pilastras, etc.), capiteis, estelas, lápides, moedas. O interesse despertado pelo período visigótico e pelos castelos e igrejas dos primórdios da nacionalidade não tem correspondência para outros testemunhos de época medieval, e menos ainda para os da fase islâmica. Refiram-se no entanto, como excepção, os estudos numismáticos, agregados ao espírito e à prática colecionista e, para o islâmico, os estudos de David Lopes e Garcia Domingues. Também Abel Viana, em *Algumas Noções Elementares de Arqueologia Prática*, Beja, 1962, se atreve a reservar um pequeno espaço para a bibliografia respeitante à «Época Árabe» e dá-nos conta de registos arqueológicos e achados desse período no castro de Nossa Senhora da Cola (Beja). As revistas *O Arqueólogo Português* (iniciada em 1895), *Arquivo de Beja*, *Bracara Augusta*, *Arqueologia e História* (Associação dos Arqueólogos Portugueses), *Revista de Guimarães* e as actas do *23º Congresso Luso Espanhol para o Progresso das Ciências* (Coimbra, 1956), foram os principais canais de divulgação de notícias, achados e primeiros estudos de arqueologia medieval até aos anos 70.

Para além de Abel Viana, é sem dúvida a D. Fernando de Almeida<sup>8</sup> que cabem as poucas investigações ligadas à Arqueologia Medieval, dentro do paleocristão/visigótico: estudo de pedras “visigodas” (de Vera Cruz de Marmelar, de Lisboa, de Abiul, de Soure), as primeiras investigações arqueológicas em Odrinhas, S. Cucufate, na igreja de S. Gião da Nazaré (1965-66) e no complexo de Idanha-a-Velha (desde 1956)<sup>9</sup>. A ele se deve o primeiro grande inventário sistemático da arte visigótica em Portugal e os primeiros ensaios monográficos, como no caso de Idanha. Segundo P. Almeida Fernandes é também Fernando de Almeida que concebe um modelo interpretativo para classificar o espólio deste período (em três núcleos estilísticos: suévico, lusitânico e olisiponense), alicerçado na corrente historiográfica dominante a nível peninsular, de base visigotista (FERNANDES, P., 2003: 206-208).

Os anos que se seguiram à revolução de 25 de Abril de 1974 traduziram-se, também no plano da investigação arqueológica, por uma saudável abertura à inovação, na consciência da necessidade de aproximação aos avanços registados neste campo nos demais países ocidentais, com particular destaque para a França e a Inglaterra. Mas não foi simples nem célere a evolução para um desejável estágio de eficácia. Lentamente, foram criadas legislação e estruturas de enquadramento administrativo ao nível do Estado e foram dados os primeiros passos no ensino universitário da arqueologia. No primeiro caso, a regulamentação de trabalhos arqueológicos consagra-se em lei em 1978 (Portaria 269/78) e em 1980 é criado o IPPC – Instituto Português do Património Arquitectónico, com um Departamento de Arqueologia. Em 1992 este organismo dá lugar ao IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico e só mais tarde a arqueologia

<sup>7</sup> Entre esses arqueólogos encontravam-se Juan Zozaya e Guillermo Rosselló Bordoy, dois nomes que se iriam afirmar no panorama da arqueologia medieval espanhola.

<sup>8</sup> D. Fernando de Almeida (1903-1979) foi presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses e director do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, os dois organismos dinamizadores da arqueologia portuguesa até aos anos 70, a que poderemos juntar os Serviços Geológicos. Precederam-no, no Museu Nacional de Arqueologia e no ensino da arqueologia na Faculdade de Letras de Lisboa, José Leite de Vasconcelos e Manuel Heleno. Sobre a sua acção veja-se: Matos, 2003 e Fernandes, P. A., 2003.

<sup>9</sup> Já nos anos 70 D. Fernando de Almeida assina trabalhos, dentro da mesma área de investigação, sobre Sines (1970), Troia (1970 e 1978), Torre de Palma (1974), S. João de Azinhais – Alcácer do Sal (1978).

deixa de integrar o IPPAR e passa a ser tutelada por um organismo autónomo, o IPA – Instituto Português de Arqueologia (hoje prestes a ser extinto). No campo do ensino, a Universidade de Coimbra, através da reforma do curso de História de 1975, passou a conferir aos alunos a possibilidade de obterem, nos últimos anos do curso, uma especialização em arqueologia<sup>10</sup>. A oferta era então limitada à Arqueologia Clássica. Outras universidades do país ofereciam cadeiras de arqueologia como opção.

Relativamente ao ensino de Arqueologia Medieval, as primeiras iniciativas tiveram lugar, como adiante veremos, na Universidade de Lisboa e na Universidade do Porto, nos anos 70.

## DOS ANOS 80 AO INÍCIO DO SÉC. XXI

### Arqueologia Medieval Cristã

Carlos Alberto Ferreira de Almeida, desde cedo interessado na problemática do pré-românico e do românico, foi o grande impulsionador dos estudos em Alta Idade Média, a partir dos anos oitenta. Catedrático em História da Arte e Arqueologia pela Universidade do Porto, divide a sua acção entre as duas áreas<sup>11</sup>, centrando as suas publicações na rede viária medieval (1968) e na arquitectura do mesmo período, com maior incidência em castelos e cercas do centro e norte de Portugal (1978 e 1986). O trabalho arqueológico de campo, desde os inícios dos anos 80 e para o altomedieval, é marcado pela acção de Manuel Luís Real, com a importante intervenção na igreja de Santa Marinha da Costa (Guimarães, 1980, 1981, 1985), que deu a conhecer os primeiros registos estratigráficos desse período no noroeste português, com cerâmica associada, revelando uma sucessão de quatro templos: um suevo-visigodo, um do séc. IX de influência galaico-asturiana, um de nave única, do séc. X e uma igreja românica. De referir também as escavações que empreendeu, com Mário Barroca, em Sabariz (Viana do Castelo, 1982 e 1986) e em Lagares (Penafiel). A intervenção na igreja da Costa, exemplar enquanto cooperação entre o arqueólogo e o restaurador, serve a Real para evidenciar a urgência de se investigarem arqueologicamente edifícios medievais e tentar assim compreender a sua história construtiva e funcional (REAL, 1980: 35-37). Em Sabariz, identifica o primeiro eremitério rupestre conhecido em Portugal e prossegue investigações sobre as covas eremíticas na região de Amarante e Resende<sup>12</sup>. Mário Jorge Barroca finaliza em 1987 um estudo das necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (sécs. V a XV) e avança com pesquisas em torno de elementos arquitectónico-decorativos do pré-românico (1990) e dos primeiros castelos da reconquista (1991). Por sua vez Luís Fontes inicia escavações na basílica suevo-visigótica de Dume (1987, 1988). A região norte lidera claramente, na década de oitenta, a investigação arqueológica portuguesa da Alta Idade Média. A revista *Arqueologia*, com 23 volumes editados pelo GEAP<sup>13</sup> entre 1980 e 1993, é bem a expressão desse dinamismo. Apesar de maioritariamente dirigida à arqueologia pré-histórica, a verdade é que nela se divulgarão os primeiros resultados das escavações nortenhas atrás citadas e também de outros pontos do país (Mértola, Lisboa), dentro do período medieval.

A partir dos finais dos anos 90, multiplicaram-se os trabalhos de escavação arqueológica em templos altomedievais, proporcionando novas leituras e interpretações da sua evolução arquitectónica e decorativa. São disso exemplo as intervenções de Barroca e Real no templo de S. Torcato, Guimarães (1992), de Gonçalves Guimarães na igreja do Bom Jesus de Gaia (1988-1992), de

<sup>10</sup> Esta possibilidade de especialização só foi possível até 1978, quando nova legislação reduziu a arqueologia a algumas cadeiras de opção. Só mais tarde, em 1981 (Portaria 268/81 de 13 de Março) se instituiu a variante em Arqueologia da licenciatura em História.

<sup>11</sup> Já em 1979 C. A. Ferreira de Almeida participara, com Juan Zozaya e Luis Caballero Zoreda, na regência de um curso de iniciação à Arqueologia Medieval na Universidade de Santiago de Compostela (Barroca, 1999: 11).

<sup>12</sup> Os resultados não se encontram publicados.

<sup>13</sup> Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto; Vítor Oliveira Jorge era o director da revista e C. A. Ferreira de Almeida fazia parte do Conselho Científico na secção de Arqueologia Medieval. A revista editará ainda três números entre 1999 e 2001.

Torres e Macías na basílica de Mértola (1993), de Justino Maciel na igreja do Montinho das Laranjeiras, Alcoutim (1996), de Inês Vaz na basílica de Viseu (2000), de Luís Fontes em S. Gião da Nazaré (2000-2005), entre outros. Na sequência destas investigações de campo verifica-se a identificação, no território português, de diferentes modelos arquitectónicos de templos cristãos dentro um mesmo friso cronológico. L. Fontes (2002: 227-228) entende que esta diferenciação se baseia na diversidade da organização geo-política entre os sécs. V e VIII, com a região norte na influência de Ravena, Milão e Tours e o sul na de Bizâncio e do Norte de África.

A *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*, realizada em Lisboa, em 1992 (actas publicadas em 1995) (Fig. 1), significou um novo impulso para a arqueologia paleocristã nacional e marcou o despoletar de um aceso debate em torno do moçarabismo. A vitalidade dos trabalhos de campo nesta área é evidenciada em muitas das comunicações, de que destaco as referentes a S. Cucufate (Alarcão, Etienne e Mayet), ao Monte da Cegonha, Vidigueira (Alfenim e Lopes), a Dume (Fontes), a Torre de Palma, Monforte (Maloney), ao sítio dos Mosteiros, Portel (Alfenim e Lima), a Mértola (Macías) e a Viseu (Vaz). O extenso artigo que abre as actas deste encontro, de Manuel Luís Real (1995: 1-68) aponta dois caminhos: o da necessidade de recorrer a novos métodos de análise dos edifícios e o de estudar com renovada atenção as comunidades moçárabes. A defesa da influência da arte islâmica nas produções hispano-godas e da sua apropriação de modelos anteriores ganha um novo vigor e prolonga-se nos debates de Mérida (2000)<sup>14</sup>. Os dois últimos trabalhos de Real, sobre o Mosteiro de Fráguas (2005: 275-292) e sobre o denominado grupo “portugalense” da escultura decorativa em Portugal (2005, no prelo) destacam a importância de Coimbra e da região do Porto, nos sécs. IX e X, *como centros de produção artística regionais*, o retorno ao clássico como recurso insistente e *supra-regional* e reconhece os crescentes cuidados a ter na discussão do moçarabismo para a região norte, a necessidade de relativização de certos conceitos mais rígidos e de reconhecimento da complexidade do processo criativo do espaço mediterrânico. Jovens investigadores, como Paulo Fernandes, avançam com contributos nesta área. Ao estudar monograficamente a Igreja de Lourosa, concluiu que se tratava de um projecto filiado na arquitectura áulica da Oviedo do séc. IX, obrigando à revisão das tradicionais atribuições da igreja à acção moçárabe e a repensar a área de influência asturiana. Debruça-se também, tal como M. Real, sobre a questão das fórmulas artísticas moçárabes de Lisboa, defendendo a relevância das comunidades moçárabes urbanas no séc. X através da análise dos testemunhos artísticos, nos quais reconhece uma linha orientalizante.

O estudo do período alto-medieval, do ponto de vista arqueológico, progride também através de projectos centrados na caracterização do povoamento de áreas específicas, como acontece para a região entre o Mondego e a vertente Noroeste da Serra da Estrela (Catarina Tente)<sup>15</sup>. O projecto coordenado por Catarina Tente, iniciado em 2002, propõe-se a identificação e a caracterização de espaços com ocupação humana entre os sécs. VII e XII, a análise da paisagem, da estrutura e da evolução do povoamento na região seleccionada. Os resultados obtidos numa primeira fase permitem-lhe distinguir três momentos: um primeiro (sécs. VI a VIII) onde prevalecem as características do povoamento romano; um segundo (sécs. VIII a X) definido pela instabilidade fronteiriça entre muçulmanos e cristãos; um terceiro (sécs. XI e XII) que revela os sinais de um poder mais centralizado<sup>16</sup>. O projecto da responsabilidade de Carlos Banha para a Cova da Beira<sup>17</sup> centra a análise do povoamento na identificação e inventário de sepulturas escavadas na rocha, um vasto campo de estudo que Mário Barroca desenvolvera nos anos oitenta para o Entre-Douro-e-Minho, que teve expressão nos estudos da região de Viseu (MARQUES, 2000), do Alto Paiva (VIEIRA,

<sup>14</sup> Refiro-me aos seminários realizados periodicamente em Mérida, nomeadamente o de 1999: *Visigodos y Omeyas. Un debate entre la antigüedad tardia y la alta Edad Media* (actas publicadas em 2000) e o de 2005, sobre escultura decorativa.

<sup>15</sup> Designação do projecto: *A Ocupação Alto-Medieval da Encosta Noroeste da Serra da Estrela*.

<sup>16</sup> Informações fornecidas pela coordenadora do projecto, a publicar brevemente.

<sup>17</sup> Designação do projecto: *Necrópoles e sepulturas escavadas na rocha na Cova da Beira*.



2004), na região de Évora (TENTE e LOURENÇO, 2002), no Vale do Douro (LOPES, 2002) e em vários outros estudos dispersos e que agora toma forma nas Beiras.

Ainda na região norte, decorrem projectos arqueológicos ligados ao estudo da paisagem e do povoamento medievais na região do Alto Paiva, do Vouga, do Dão e Alva, de Viseu<sup>18</sup>. Os projectos de Marina Silva e de Domingos Cruz recorrem à pesquisa documental escrita em associação com a prospecção e a escavação arqueológica, na perspectiva de obter leituras geo-espaciais e perceber a estratégia de povoamento nessas regiões. Um outro grande impulso à arqueologia da Plena e da Baixa Idade Média tem sido dado pelas investigações em castelos e em meios urbanos. Braga, Porto, Coimbra, Santarém, Lisboa, Almada, Palmela, Évora, Mértola, Silves e Tavira têm sido os principais centros com escavações sistemáticas e divulgação de resultados. A arqueologia urbana conheceu os primeiros passos com o projecto de salvamento urbano em Braga (Universidade do Minho)<sup>19</sup>, em 1976, que depois iria motivar a realização de um Encontro de Arqueologia Urbana, na mesma cidade, em 1994. No entanto, já em 1985 havia tido lugar o I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana em Setúbal, embora predominantemente centrado nas intervenções do período romano. A importância da *Zona Arqueológica de Braga* e a urgência de criar condições estruturais, financeiras e jurídicas para o desenvolvimento dos trabalhos e a preservação dos vestígios encontrados, fez dela um caso exemplar que não teria seguimento noutras cidades senão bastante mais tarde, tanto em termos da continuidade das acções, como da pluri-disciplinaridade da equipa, como ainda do envolvimento institucional. A norte, outro notável projecto foi o da Casa do Infante, no centro histórico do Porto, coordenado por Manuel Real<sup>20</sup>. Iniciado em 1991, juntou uma vasta equipa (com sete sub-projectos) que, de forma integrada e metodologicamente inovadora, efectuou registos e estudos do maior interesse para níveis entre os sécs. XIV e XVI, com destaque para as produções cerâmicas.

As grandes intervenções de Lisboa iniciaram-se nos anos 80 na Casa dos Bicos (zona ribeirinha)<sup>21</sup> e nos anos 90 na Sé Catedral onde se identificaram os primeiros vestígios de época islâmica, além de registos da Antiguidade Tardia. O Castelo de S. Jorge, a partir de 1995, é também palco de importantes trabalhos arqueológicos, coordenados por Ana Gomes e Alexandra Gaspar (IPPAR), que revelaram níveis islâmicos e cristãos pós-*reconquista*. Merece referência, dentro do castelo, a escavação do Palácio dos Bispos e dos Condes de Santiago, com ocupação entre os sécs. XIV e XVIII. Outras intervenções, sobretudo decorrentes de rearranjos urbanísticos e obras de vulto, tiveram lugar na última década em vários locais da cidade de Lisboa, protagonizadas pelo município / Museu da Cidade, pelo IPPAR e por empresas de arqueologia<sup>22</sup>. Das intervenções do Museu da Cidade (preventivas, de emergência e de acompanhamento), refiram-se, com vestígios do período medieval, as da R. dos Douradores, do Martim Moniz, da Travessa Gaspar Trigo, da Calçada da Graça.

Na vertente medieval cristã são ainda de referir as intervenções arqueológicas em abadias e mosteiros<sup>23</sup>, integradas em projectos mais alargados, de estudo global e de valorização dos monumentos, da iniciativa do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR). Algumas iniciativas deste organismo, em torno da Ordem de Cister, promoveram a investigação artística e arqueo-

<sup>18</sup> Referimo-nos aos seguintes projectos: *Da Serra da Nave ao Vouga: Paisagens humanas durante a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média*, direcção de Marina Afonso Vieira; *O Alto Paiva – Sociedade e Estratégias de Povoamento desde a Pré-História à Idade Média*, da responsabilidade de Domingos da Cruz; *O Povoamento Alto Medieval entre os rios Dão e Alva*, direcção de Sandra Lourenço. Para Viseu, referimo-nos aos trabalhos de Jorge Adolfo Meneses Marques.

<sup>19</sup> Da responsabilidade do arqueólogo Francisco Sande Lemos.

<sup>20</sup> Para além dos trabalhos já citados e do projecto da Casa do Infante, são de referir os variados estudos do autor sobre o românico português, onde cruza a análise artística e arqueológica: S. Pedro de Rates (1982), S. Pedro de Roriz (1982), Abadia Velha de Salzedas (1983), S. Pedro de Ferreira (1986), Sé de Braga (1989), S. Cristovão de Coimbra (1994), S. Vicente de Fora (1995), Sé do Porto (1984), entre outros.

<sup>21</sup> Direcção de Clementino Amaro.

<sup>22</sup> Entre essas intervenções, citem-se as realizadas na baixa – BCP e Mandarin Chinês, na Fundação Ricardo Espírito Santo, na Praça das Alcaçarias e em S. João da Praça.

<sup>23</sup> Para além das citadas, tem havido intervenções arqueológicas noutras igrejas e mosteiros: Rendufe, Pombeiro, Flor da Rosa, Rates, Gaia, Numão, Pitões das Júnias.

lógica em espaços como o Mosteiro de Alcobaça e o Mosteiro de S. João de Tarouca<sup>24</sup>. Ricardo Teixeira tem em curso um projecto alargado sobre Cister no Vale do Douro, visando o estudo dos estabelecimentos monásticos da ordem e a organização da paisagem e do povoamento (sécs. XII-XIV). O Convento de Santa Clara-a-Velha, em Coimbra, é outro dos exemplos mais recentes e importantes da investigação arqueológica em espaços de ordens religiosas no âmbito de um projecto de recuperação, integrado, em que convergiram esforços de múltiplas disciplinas como a geologia, a botânica, a antropologia e a modelação virtual. A intervenção, coordenada por Artur Côrte-Real e realizada entre 1995 e 1999, permitiu recuperar estruturas arquitectónicas da igreja e do claustro até então submersas, associadas a enterramentos e a diversificado espólio que legenda a vida da comunidade clarissa. Para as ordens militares o trabalho tem-se centrado em castelos (Palmela, Tomar, Mértola, Alcácer) embora se tenham também efectuado acções em igrejas e mosteiros (Évora<sup>25</sup>, Flor da Rosa-Crato<sup>26</sup>).

Em Santarém, por iniciativa municipal, do IPPAR ou de arqueólogos a título individual, várias áreas e monumentos têm sido intervencionados. O Convento de S. Francisco foi um deles, com coordenação de Maria Ramalho, um exemplo de como a investigação em templos e necrópoles tem projectado para a primeira linha o contributo dos estudos antropológicos. Neste campo é de salientar a intensa actividade de colaboração do Departamento de Antropologia da F. C. T. da Universidade de Coimbra, liderado por Eugénia Cunha, em muitos projectos de arqueologia medieval, contribuindo de forma decisiva para a valorização dos achados paleoantropológicos, de que decorre um conhecimento cada vez mais rico das populações em presença<sup>27</sup>. Também os estudos paleoecológicos, em Portugal desenvolvidos em boa parte pelo CIPA<sup>28</sup>, têm acrescentado informações de valor para a compreensão do quotidiano dos sítios- dietas alimentares, práticas agrícolas e pecuárias.

### Arqueologia Islâmica

Depois das experiências de escavação no Alentejo e no Algarve, em finais do século XIX, por Abel Viana, Estácio da Veiga e Santos Rocha, a intervenção arqueológica no Cerro da Vila (Vilamoura), dirigida por José Luís de Matos, foi pioneira de uma nova era de investigação de campo para o período islâmico, com campanhas desde 1971. José Luís de Matos faz então os primeiros registos de cerâmica muçulmana em contexto e inicia o reconhecimento do espólio deste período recolhido por Abel Viana e à guarda do Museu de Beja, bem como das colecções de Loulé e Silves do Museu Nacional de Arqueologia. A importância do Castro da Cola como povoado com ocupação islâmica foi também por ele relevada através do espólio que aí veio a recolher. Na senda deste interesse pelo período islâmico, inicia em 1977/78, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a regência da cadeira de *Arqueologia Árabe Medieval*, fundadora dos estudos arqueológicos do período islâmico no meio universitário português.

Também por essa altura, entre 1972 e 1975, António Borges Coelho editava uma primeira compilação de textos árabes<sup>29</sup> que estimulou a curiosidade pelo conhecimento do islão português - cinco séculos de história reduzidos pelo Estado Novo à herança de uns quantos vocábulos e práticas agrícolas. Em 1979/80 inicia-se também a actividade arqueológica em Mértola, sob a coordenação

<sup>24</sup> Intervencionado arqueologicamente por Miguel Rodrigues, Ana Castro e Luís Sebastian.

<sup>25</sup> A cargo de Ana Gonçalves.

<sup>26</sup> A cargo de Maria Pilar Reis.

<sup>27</sup> Hoje aumentado com as vastas possibilidades abertas pela recuperação de material genético, como nos ilustra E. Cunha para o caso dos enterramentos do Convento de Santa-Clara-a-Velha (Cunha, 2002: 265).

<sup>28</sup> Centro de Investigação em Paleoecologia Humana e Arqueociências do Instituto Português de Arqueologia. Para além do CIPA, investigadores a título individual, como João Luís Cardoso, têm igualmente contribuído para o melhor conhecimento da fauna medieval a partir do estudo de ossos de proveniência arqueológica.

<sup>29</sup> *Portugal na Espanha Árabe*, Vols. I a IV, Seara Nova, Lisboa, 1972-1975.

nação de Cláudio Torres<sup>30</sup>. O projecto de Mértola visava muito mais do que a pura pesquisa arqueológica, definindo-se como um caminho para a criação de um modelo de desenvolvimento da vila alentejana, em que a história e a arqueologia funcionariam como catapulta dos interesses colectivos locais. De facto, todas estas dinâmicas em torno da pesquisa dos traços materiais da cultura muçulmana do al-Andalus acabou por animar jovens estudantes e professores no prosseguimento desta via. Em 1980 reúnem-se em Évora e, com Juan Zozaya, que aí se deslocara como conferencista, encetaram um frutífero debate sobre a prática arqueológica, a leitura de paramentos, as técnicas construtivas e a cartografia urbana aplicadas ao medieval islâmico. Estes dias de troca de ideias são entendidos, por vários dos participantes que hoje trabalham em arqueologia islâmica, como um verdadeiro motor de arranque para subseqüentes experiências nesta área. O Campo Arqueológico de Mértola foi entretanto prosseguindo e firmando o seu projecto, criando escola e atraindo ao sul todo um conjunto de investigadores, artistas e arquitectos desejosos de ver partilhadas e materializadas as suas ideias. A par da prática arqueológica crescem e afirmam-se projectos museológicos e outras iniciativas de carácter didáctico, pedagógico e divulgativo que vão ganhando a população e proporcionando visibilidade para o exterior. Neste âmbito, a instalação em Mértola de um curso profissional de Museografia Arqueológica, promovido pelo C.A.M., irá congrega grupos de jovens locais em torno de várias vertentes geradas da arqueologia e proporcionar a sua fixação. A edição da revista *Arqueologia Medieval* (Fig. 2), desde 1992, foi outro marco decisivo na expressão pública que a arqueologia islâmica vem a ter em Portugal a partir dos anos 90 e que irá motivar a publicação de uma série de obras de grande divulgação, sobre esta matéria<sup>31</sup>. A edição, que começou por ter uma periodicidade anual mas que ultimamente passou a bienal, integra estudos de índole arqueológica e histórica relativos a todo o período medieval<sup>32</sup>. A exposição realizada em 1998, no Museu Nacional de Arqueologia, *Portugal Islâmico, últimos sinais do Mediterrâneo* (Fig. 3), sob a coordenação de C. Torres e S. Macías, congregando participações da maioria dos espaços muçulmanos até aí escavados e com espólio reconhecido, de que se destacavam os conjuntos de Mértola e de Silves, constituiu a primeira grande síntese da nova visão da história medieval portuguesa, apresentada ao público através do olhar da arqueologia e da valorização museográfica do objecto-memória da cultura islâmica. Vários outros projectos da iniciativa do Campo Arqueológico de Mértola são também de assinalar pelo papel que desempenharam ou ainda desempenham no intercâmbio com o Magreb e os países mediterrânicos, de que são exemplo a participação na organização da exposição *Marrocos-Portugal, Portas do Mediterrâneo* (1999)<sup>33</sup>, no Itinerário-Exposição *Terras da Moura Encantada – Arte Islâmica em Portugal* (1999)<sup>34</sup>, no projecto *Portos Antigos do Mediterrâneo* (1999-2001).

A riqueza arqueológica de Mértola tinha sido evidenciada por Estácio da Veiga (1880) que chegou a realizar sondagens na alcáçova. No que ao período islâmico respeita, refere-se à cisterna, cuja planta desenhou (1983: 139), a algumas lápides (146-160), a moedas e cerâmicas (160-162). A primeira fase de trabalhos do Campo Arqueológico de Mértola centrou-se no castelo: cisterna e bairro islâmico. Estendeu-se depois a outras áreas do espaço urbano e a outros locais dos arredores. Alcaria Longa foi a primeira experiência de escavação em meio rural islâmico. O estudo histórico-arqueológico do bairro da alcáçova, da autoria de Santiago Macías (1996), proporcionou a

<sup>30</sup> Cláudio Torres, durante o longo período de exílio no leste europeu, fez estudos de bizantinologia. Nos anos 70, depois do 25 de Abril, regeu a cadeira de História da Arte em Portugal, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde iniciou as sinergias que conduziram à implementação do projecto de Mértola.

<sup>31</sup> Neste âmbito, foram editados, entre outros, *O Legado islâmico em Portugal* (Torres e Macías, 1998) e o catálogo *Portugal Islâmico, últimos sinais do Mediterrâneo* (1998), o capítulo sobre o *Garb al-Andalus* (Torres, 1992) na *História de Portugal* dirigida por José Mattoso, o capítulo *A Arte Islâmica no Ocidente Andaluz* (Torres e Macías, 1995) na *História da Arte Portuguesa* dirigida por Paulo Pereira.

<sup>32</sup> Até 2005 foram editados nove números da revista, sendo os números 4, 7 e 9 dedicados a actas de encontros temáticos.

<sup>33</sup> Foi uma iniciativa da Comissão Nacional para os Descobrimentos Portugueses, no âmbito da V Cimeira Luso-Marroquina.

<sup>34</sup> Este programa foi uma produção do *Programa de Incremento do Turismo Cultural*, com coordenação geral de Flávio Lopes e coordenação científica de C. Torres, S. Macías e S. Gomez, integrado no *Programa Museu Sem Fronteiras*, coordenado por Eva Schubert.



sistematização dos resultados das campanhas do castelo, a par de artigos vários de Cláudio Torres e de outros arqueólogos do C.A.M.. Destaca as características mediterrânicas desta arquitectura doméstica almóada e os aspectos ligados à confecção, armazenagem e consumo de alimentos. O período compreendido entre o séc. XI e a 1ª metade do séc. XIII é reconhecido como o melhor representado arqueologicamente em Mértola. Macías estendeu entretanto a sua investigação ao território envolvente, de que resultou uma publicação onde se valoriza a vocação portuária de Mértola (2006)<sup>35</sup>.

Em Silves, outro destacado centro urbano com ocupação islâmica, o poço-cisterna almóada, hoje integrado no núcleo museológico, foi o primeiro sítio a ser intervencionado arqueologicamente, sob a coordenação de Rosa Varela Gomes. Seguiram-se-lhe escavações no castelo – alcáçova e medina –<sup>36</sup>, com o reconhecimento de uma interessante potência estratigráfica e de espólio cerâmico muçulmano em contexto, atribuído aos sécs. VIII a XIII e confirmado por datações de radiocarbono (GOMES, 2002: 208). Foram ainda registados níveis pré-islâmicos onde se recolheram «cerâmicas tardo-romanas, de tradição autóctone ou visigótico-bizantina» (GOMES, 2002: 209). As casas islâmicas identificadas correspondem a modelos distintos: edifícios térreos construídos sobretudo em taipa e edifícios de maiores dimensões, entre os quais se incluem um complexo de banhos e um palácio. As investigações de Silves e a riqueza dos achados do palácio almóada levaram o Museu Nacional de Arqueologia a acolher uma exposição precisamente denominada *Palácio Almóada da Alcáçova de Silves* (Fig. 4), em 2001, onde se mostram artefactos, modelos e elementos arquitectónicos daí provenientes. Para além do Castelo de Silves, Rosa Varela Gomes desenvolve investigação em arqueologia medieval na Ponta do Castelo (Aljezur), no *ribat* de Arrifana (Aljezur), no Castelo Belinho (Portimão) e no Convento de Santana (Lisboa)<sup>37</sup>.

Outra frente de investigação arqueológica do período islâmico, na região do Algarve, tem sido desenvolvida por Helena Catarino<sup>38</sup> nas fortificações de Alcoutim, Paderne e Salir. O estudo sistemático do povoamento e das fortificações do Algarve Oriental foi encetado por esta arqueóloga nos anos 80 e contribuiu de forma inequívoca para demonstrar as virtualidades da arqueologia na compreensão da organização do território, da evolução dos *habitats* e das marcas do quotidiano em período islâmico, desde os momentos mais precoces da ocupação (emirato e califado).

Tavira é outro dos centros urbanos algarvios onde, na última década, se investiu fortemente na arqueologia, com registos interessantes para a fase islâmica. O Campo Arqueológico de Tavira (Maria Maia e Manuel Maia) tem avançado com escavações várias na cidade, sobretudo em situações de emergência, e com o estudo da muralha. O material exumado enquadra-se maioritariamente nos sécs. XI e XII<sup>39</sup>. Uma mostra significativa desse espólio esteve em exibição no M.N.A., no âmbito da exposição *Tavira. Território e Poder*, em 2003. Outros projectos e intervenções arqueológicas direccionados para o período islâmico têm estado em curso nos últimos anos no Algarve, mas ainda com escassos resultados conhecidos<sup>40</sup>. No Alentejo a investigação desenvolveu-se essencialmente em torno de castelos e em meio urbano, com realce para Évora e Beja.

<sup>35</sup> Santiago Macías defendeu em 2005, na Universidade de Lyon II, a dissertação de doutoramento *A cora de Beja e o território de Mértola entre a antiguidade tardia e a reconquista cristã*, editada em 2006 sob o título *Mértola, o último porto do Mediterrâneo*.

<sup>36</sup> Entre 2000 e 2002 realizaram-se em Silves outras intervenções arqueológicas, na Sé Catedral, na Rua do Castelo, coordenadas por Maria Teresa Júdice Gamito, onde se identificaram um cemitério medieval cristão e uma cisterna de época muçulmana. Nos últimos anos têm-se desenvolvido outros trabalhos arqueológicos em meio urbano (arqueólogas Maria José Gonçalves e Ana Cristina Ramos).

<sup>37</sup> Nos três últimos sítios referidos a direcção é partilhada com Mário Varela Gomes. R. V. Gomes privilegia os contactos internacionais com a Associação Espanhola de Orientalistas, a Universidade de Granada e a Escuela de Estudios Árabes (C.S.I.C.) de Granada, entre outros.

<sup>38</sup> A arqueóloga mantém contactos de investigação com a Casa de Velázquez, o C.S.I.C. de Madrid e a Associação de Arqueologia Medieval Espanhola. O trabalho sobre o Algarve Oriental em época islâmica (dissertação de doutoramento) foi publicado em 1998 na Revista *Al'ulya*, de Loulé.

<sup>39</sup> Jaquelina Cavaneiro e Sandra Cavaco, que escavaram na Cerca Conventual do Convento da Graça, divulgaram na *Arqueologia Medieval* 9 três casas islâmicas do séc. XIII aí registadas (2005: 77-82).

<sup>40</sup> Mencionem-se os relativos ao povoamento islâmico na Serra de Portel (Carla Dias), do território de Cacela (Cristina Garcia), da bacia do Rio Arade (Armando Sabrosa), da região de Faro (Angelina Pereira), ao estudo do povoado da Portela - S. Bartolomeu de Messines (Mulize Ferreira), a Alcoutim (Alexandra Gradim).

A norte do Tejo, desde 2000, Helena Catarino levou a cabo uma intervenção arqueológica na alcáçova de Coimbra (Pátio da Universidade), que se tem mostrado determinante para a compreensão da presença muçulmana na Marca Inferior. Os resultados vêm lançar alguma luz sobre o nebuloso período compreendido entre a Antiguidade Tardia e a ocupação islâmica na cidade e fornecem pistas para a discussão da continuidade ou reocupação de sítios neste período. Para além da intervenção em Coimbra, a actividade arqueológica ligada ao período islâmico não tem tido grande expressão a Norte do Tejo, mas são de registar os trabalhos desenvolvidos em Santarém e em Torres Novas. Em Santarém foram escavadas, entre 1984 e 1987, 26 fossas (VIEGAS e ARRUDA, 1999: 108-111) e outras estruturas se lhe seguiram - silos, restos de habitações e de muralhas, uma cisterna – registadas quer no âmbito de escavações de iniciativa municipal quer de acompanhamentos de obras. A arqueologia pôde assim confirmar a importância da Santarém islâmica, já conhecida pelas fontes escritas. Duas mostras que incluíam parte do espólio muçulmano recolhido, tornaram visível esta dimensão cultural da cidade: a exposição *De Scalabbis a Santarém*, patente em Lisboa, em 2002, no Museu Nacional de Arqueologia e a exposição *Santarém e o Magreb – Encontro Secular (970-1578)*, realizada em 2004 em Santarém. Em Torres Vedras<sup>41</sup>, intervenções arqueológicas em meio urbano, junto ao sopé da colina do castelo, vieram revelar achados de época islâmica. Efectivamente, é cada vez maior o número de ocorrências islâmicas a norte do Tejo e sobretudo entre o Tejo e o Mondego. Foi esta constatação que nos levou a organizar em 2003, com a Universidade do Porto, dois seminários sobre *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (sécs. VIII a XIII)*<sup>42</sup> (Fig. 5). Pretendeu-se conseguir um primeiro ponto de situação ao nível da pesquisa de textos e arqueológica e dalgum modo suscitar novas investidas neste campo.

Na região dos estuários do Tejo e do Sado as investigações arqueológicas do período islâmico conheceram na última década grandes avanços. São de assinalar as escavações no castelo de Povos<sup>43</sup>, Vila Franca de Xira, onde se reconheceram troços de muralha em taipa, no castelo de Sintra e sua envolvente<sup>44</sup>. Em Lisboa, vários sítios foram intervencionados, acções quase sempre, na sua génese, motivadas pela execução de obras ou de arranjos urbanísticos, transformando-se posteriormente, dado o interesse dos achados, em escavações de continuidade. Os promotores têm sido o IPPAR, o município e algumas empresas privadas. Destaquemos a Sé Catedral<sup>45</sup>, onde se registou um conjunto de casas atribuíveis ao séc. XI e os restos do que se pensa ser um edifício público; a zona da baixa lisboeta, onde se registaram fornos de cerâmica e outros vestígios (BCP, Mandarin Chinês<sup>46</sup>, R. Augusta<sup>47</sup>), o Castelo de S. Jorge, a Praça da Figueira, com edificações dos sécs. XI-XII, a Encosta de Santana<sup>48</sup>, entre outros<sup>49</sup>. No castelo de Jorge, sob coordenação de Ana Gomes e Alexandra Gaspar<sup>50</sup>, vários espaços foram objecto de investigação arqueológica: na Praça Nova escavou-se um bairro (segunda metade do séc. XI e séc. XII) com casas de padrão islâmico mediterrânico, com pátio aberto, paredes pintadas e pavimentos de argamassa; no Beco do Forno registaram-se silos e fossas também com material do séc. XI e posterior.

Na outra margem do Tejo, Almada encetou um programa de escavações no seu centro histórico, na Rua da Judiaria<sup>51</sup>, que pôs a descoberto um numeroso conjunto de silos entulhados com material cristão mas que deverá ter origem muçulmana. Sesimbra tem vindo também a realizar

<sup>41</sup> Coordenação de Isabel Luna.

<sup>42</sup> Estes seminários, organizados pela Câmara Municipal de Palmela e pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, coordenados por Mário Jorge Barroca e pela autora, tiveram as respectivas actas editadas em Março de 2005.

<sup>43</sup> Direcção de Cristina Calais.

<sup>44</sup> Direcção de Catarina Coelho, com escavações entre 2000 e 2002.

<sup>45</sup> Direcção de José Luís de Matos e Clementino Amaro entre 1990 e 94; de Alexandra Gaspar a partir de 1995.

<sup>46</sup> Direcção de Clementino Amaro e Jacinta Bugalhão em 1992; Direcção de Jacinta Bugalhão a partir de 1996.

<sup>47</sup> Direcção de Mulize Ferreira, Ana Jorge, Rita Ramos.

<sup>48</sup> Direcção de Cláudia Costa e João Muralha Cardoso.

<sup>49</sup> Um mapa com a distribuição dos sítios islâmicos de Lisboa pode observar-se em Bugalhão e Martínez, 2005: 238.

<sup>50</sup> Outras intervenções coordenadas pelas mesmas arqueólogas, na Fundação Ricardo Espírito Santo e nos armazéns Sommer, permitiram identificar novas estruturas e materiais islâmicos, além de troços da muralha.

<sup>51</sup> Direcção de Luís de Barros em colaboração com outros técnicos do Museu Municipal de Almada.

algumas investigações arqueológicas no castelo, mas com poucos resultados para o período islâmico<sup>52</sup>. Em Palmela, desde 1992<sup>53</sup>, desenvolve-se um programa integrado de recuperação do castelo em que a arqueologia surge como componente primordial. As nossas primeiras escavações revelaram sequências estratigráficas muito completas e interessantes para a fase islâmica, permitindo recolhas e registos inéditos para a região nos períodos do emirato e califado. O prosseguimento dos trabalhos arqueológicos assumiu contornos de projecto de investigação regional, com registos sucessivos até à fase almôada e às últimas movimentações da reconquista. A escavação da alcaria do Alto da Queimada, na orla de influência do castelo, permitiu conhecer um pouco mais sobre a arquitectura e a organização dos povoados rurais islâmicos. A área estudada foi-se estendendo portanto à envolvente, o âmbito alargou-se à paisagem, à estruturação do povoamento e à organização castral da região do Sado deste a fase omíada.

Bordejando o Sado, Alcácer do Sal<sup>54</sup>, o poderoso reduto almôada, foi também objecto de pesquisas no contexto das obras efectuadas no castelo para instalação de uma pousada de turismo. Confirmou-se a riqueza do período almôada e atestaram-se ocupações de fases anteriores, ainda que com débeis indicadores estratigráficos.

### Fortificações e arqueologia medieval

O interesse pelo estudo e valorização das fortificações, como atrás expressámos, cimentou-se durante o governo de Salazar, a partir da forte vinculação da origem da nacionalidade a este tipo de monumentos. Se bem que marginalmente tratado o seu lado arqueológico, o castelo vê-se desde então consagrado como elemento valorativo da história medieval e continua a alimentar um imaginário mais ou menos fantasioso que colhe adeptos nas vertentes turística, artística e literária e não é estranho ao poder político.

Na génese da análise histórico-arqueológica do castelo medieval destacam-se os estudos de Mário Barroca, que viriam a motivar intervenções de campo e sínteses teóricas, denotando claramente a persistência do fascínio pelo amuralhado. O seu primeiro trabalho de fôlego nesta área *Do castelo da reconquista ao castelo românico* abre novas perspectivas de leitura da arquitectura militar medieval e a partir dele desenvolve caminhos paralelos e complementares na investigação do armamento, da epigrafia, da decoração arquitectónica. Ao castelo da reconquista associa o interesse despertado pelo estudo da arquitectura dos primeiros tempos das ordens militares.

No norte do país são vários os projectos associados a castelos, alguns deles incluindo a interpretação dos povoados onde se integram e quase sempre marcados pelo pressuposto último da conservação e da valorização do monumento ou/e do conjunto edificado. Cabem neste caso inúmeros exemplos: o do Castelo de Montalegre (António Amaral), do castelo de Marialva (Paulo Dordio Gomes), do castelo de Ansiães (António Luís Pereira e Isabel Alexandra Lopes). O projecto de investigação do castelo de Ansiães<sup>55</sup> é um exemplo modelar de interdisciplinaridade e que associa a arqueologia extensiva e da paisagem, a arqueologia monográfica e a investigação arquivística. Propõe-se conhecer os processos de formação e transição das realidades económica, demográfica, social e cultural subjacentes à organização estrutural do povoado amuralhado de Ansiães, com especial destaque para os contextos baixo-medievais (sécs. IX a XVI). A escavação da igreja de S. João Baptista e respectiva necrópole, e uma segunda necrópole da igreja românica de

<sup>52</sup> Direcção de Luís Ferreira.

<sup>53</sup> O projecto, dirigido pela autora e intitulado *Muçulmanos e Cristãos na Península da Arrábida: o Castelo de Palmela e a ruralidade envolvente*, integra escavações no Castelo de Palmela e na alcaria do Alto da Queimada, além de prospecções no território rural envolvente e ao longo da Arrábida.

<sup>54</sup> Escavações coordenadas por António Cavaleiro Paixão, em colaboração com António Rafael Carvalho e João Faria.

<sup>55</sup> O projecto de investigação arqueológica, *Estudo das Continuidades e Rupturas da organização e desenvolvimento urbano da vila medieval de Ansiães*, começou por participar numa equipa interdisciplinar correspondente à linha de investigação em História Medieval que desde 1995 se desenvolveu no âmbito do G. E. H. V. I. D. (Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto), a funcionar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

S. Salvador, forneceram dados antropológicos preciosos, um conjunto notável de 65 estelas discóides e dois fornos de fundição de sinos (PEREIRA e LOPES, 2005: 79-128). Contam com a colaboração de especialistas nos domínios da paleobiologia, da arqueometalurgia, da paleocarpologia, da arqueozoologia, da química, da fotogrametria, da história de arte.

São também de referir os trabalhos de levantamento, no âmbito da carta arqueológica, e de escavação desenvolvidos nos castelos roqueiros do Concelho de Arouca (Valinhas/Arouca, Carvalhais, Monte Coruto), com coordenação de António Manuel Silva (2004).

A sul, o interesse do estado e das autarquias na conservação e revitalização deste tipo de monumentos, tem também justificado intervenções arqueológicas, muitas delas de continuidade e os levantamentos na sequência de grandes empreendimentos públicos ou privados, como é o caso da barragem do Alqueva, vão proporcionando a actualização do inventário e algumas intervenções de emergência. Para além dos exemplos referidos, ao longo do texto, lembrem-se as realizadas nos castelos de Moura, de Noudar, de Aljustrel<sup>56</sup>, de Juromenha e o estudo das atalaias na região do Alqueva por Fernando Branco Correia<sup>57</sup>. Na Mesa dos Castelinhos (Almodôvar), Amílcar Guerra e Carlos Fabião puderam investigar arqueologicamente um castelo muçulmano, dotado de fosso, com cronologia entre os sécs. IX e XI, que defendem ter servido para o aquartelamento de uma guarnição militar (2002: 171-176).

O Simpósio Internacional sobre Castelos- *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb, 500-1500* (Fig. 6), organizado pela Câmara Municipal de Palmela no ano 2000, transportou para o plano internacional, particularmente para o espaço ibérico, a discussão dos últimos resultados da investigação arqueológica nesta área. Esta reunião de cerca de 90 investigadores proporcionou uma proveitosa troca de experiências e actualizou o balanço dos últimos anos de intervenções em castelos.

Entre 1980 e 2005 realizaram-se 119 intervenções arqueológicas<sup>58</sup> em castelos, muralhas, torres e atalaias do período medieval, correspondendo várias a projectos de investigação de média/longa duração. Na verdade, boa parte das intervenções em meio urbano nasce da investigação de castelos, os *monumentos* que a comunidade identifica como o repositório vivo das memórias do passado. A carga simbólica do *castelo* mantém-se muito próxima da velha concepção e continua a justificar os investimentos das intervenções. Hoje em dia, a intensa apropriação turística deste tipo de espaços - por vezes associada a empenhos políticos locais e mesmo nacionais -, fomenta o seu estudo e o maior conhecimento da sua história, tanto a dos edificadas como a do subsolo.

## O estudo da cerâmica

A investigação das produções cerâmicas de época medieval conheceu em Portugal um decisivo salto em frente com a realização do *IV Encontro sobre Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, organizado pelo Campo Arqueológico de Mértola em 1987. Posteriormente, em 1992, o arranque em Tondela das *Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval* (Fig. 7), que chegou à sua 4ª realização, imprimiu novo impulso aos estudos nesta área. A reunião de investigadores portugueses, espanhóis e franceses em torno da problemática daquele que é o mais comum vestígio material recolhido pelos arqueólogos, gerou entusiasmos e incentivou novas pesquisas, tanto no campo da etno-arqueologia como no das análises químicas e mineralógicas. Se nos detivermos sobre o elenco de investigadores das primeiras jornadas, verificamos que a representação portuguesa para a cerâmica medieval era ainda reduzida, predominando as comunicações de estrangei-

<sup>56</sup> Respectivamente coordenadas por Santiago Macías, Miguel Rego, Carlos Tavares da Silva.

<sup>57</sup> Fernando Branco tem em preparação uma dissertação de doutoramento, inscrita em co-tutela na Universidade de Évora e na Universidade de Paris I/Sorbonne, intitulada: *Fortificação, poderes e sociedade no Garb al-Andalus (dos inícios da islamização à afirmação do domínio norte africano)*.

<sup>58</sup> Entenda-se por intervenções arqueológicas: escavação, sondagem, prospecção, levantamento, acompanhamento.

ros. Particular destaque assume a intervenção do grupo da Casa do Infante, que apresenta interessantes conjuntos dos sécs. XIII a XV, utilizando uma metodologia criteriosa de classificação (REAL *et al.*, 1995: 171-186). Nas jornadas seguintes assistiu-se a uma crescente participação portuguesa para estudos de cerâmica islâmica mas também medieval cristã e moderna. O primeiro balanço sobre o estudo de cerâmicas medievais do sul de Portugal, feito por Rosa Varela Gomes nas 1<sup>as</sup> jornadas de Tondela, em 1992 (1995: 293-302), dá-nos conta dos estudos desenvolvidos em Silves para a fase islâmica e também para as cerâmicas portuguesas dos sécs. XIV a XVI. Para cronologias pleno e baixo-medievais, outros conjuntos tinham sido registados embora nem sempre estudados, nomeadamente os provenientes de Cascais, Sintra, Barreiro (forno da Mata da Machada)<sup>59</sup>, Almada, Setúbal. De contextos subaquáticos (por exemplo do naufrágio de Aveiro) provêm conjuntos cerâmicos baixo-medievais e modernos em óptimo estado de conservação, em processo de estudo<sup>60</sup>. Nas bacias do Tejo e do Sado – Palmela (FERNANDES, 2004 e 2005: 311-325), Alcácer do Sal (PAIXÃO *et al.*, 1994: 242-243, 261), Almada (SABROSA e ESPÍRITO SANTO, 1992: 11) e Lisboa (GASPAR E AMARO, 1997: 343-344; GOMES *et al.*, 2005: 221-236) - têm-se exumado e estudado conjuntos do período da reconquista, que podemos balizar entre a segunda metade do séc. XII e o século XIII e que oferecem afinidades formais inegáveis.

O balanço que hoje é possível fazer sobre o estudo destes materiais, evidencia desde logo o protagonismo do grupo das cerâmicas muçulmanas. Realmente, da dinâmica do Campo Arqueológico de Mértola emergem desde cedo as peças de barro como elementos definidores do quotidiano ancestral da vila. Os magníficos conjuntos exumados afirmam-se por si só e elucidam sobre os usos, as práticas culinárias mas também sobre as trocas mercantis, as ligações dentro da bacia mediterrânica. O mesmo se passa em Silves, revelando-se aqui grupos de cronologias mais recuadas. As cerâmicas decoradas a *corda seca* e a *verde e manganés* são registadas um pouco por todo o sul e iniciam-se estudos específicos sobre estas técnicas (Fig. 8). Susana Gomez, no C.A.M., dedica-se ao estudo das cerâmicas de Mértola<sup>61</sup>; Rosa Varela Gomes (1988) e Helena Catarino (1998) evidenciam, nas primeiras publicações sobre os sítios que escavaram, o valor arqueológico das produções cerâmicas. Seguem-se os estudos de peças do castelo de Palmela, de Alcácer do Sal, de Lisboa, de Santarém, de Coimbra. Ensaia-se classificações tipológicas, análises químicas e mineralógicas para determinar proveniências e intercâmbios, diversidades técnicas e decorativas. São particularmente relevantes os conjuntos cerâmicos recolhidos nas escavações do Castelo de S. Jorge e de outros sítios arqueológicos próximos<sup>62</sup>. A identificação de fornos de cerâmica islâmica na baixa lisboeta e nas Alcaçarias (perto de St<sup>a</sup> Apolónia) veio por sua vez abrir novas perspectivas de conhecimento das produções locais, o que já nos começou a ser revelado (para a R. dos Correeiros/ Mandarim Chinês) por Jacinta Bugalhão, Deolinda Folgado e outros<sup>63</sup>. As várias exposições que já citámos neste texto e os programas de musealização permanente em muitos espaços acrescentaram ainda maior notoriedade à peça cerâmica, que assume em definitivo um lugar cimeiro no que à arqueologia islâmica se refere.

As muitas possibilidades de abordagem nesta temática motivaram nos últimos tempos teses de mestrado e de doutoramento e a persistência da participação portuguesa nos congressos de Cerâmicas Medievais do Mediterrâneo<sup>64</sup>.

<sup>59</sup> Escavado sob a direcção de Cláudio Torres.

<sup>60</sup> Investigações do CNANS (Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática), dirigidas por Francisco Alves.

<sup>61</sup> São vários os artigos publicados por Susana Gomez, a título individual ou com colegas do CAM, sobre a cerâmica islâmica de Mértola e foi sobre essa temática que incidiu a sua dissertação de doutoramento.

<sup>62</sup> Uma parte deste espólio foi objecto de análises de proveniência, por activação neutrónica, no I.T.N. Os resultados desses estudos e das classificações formais e decorativas têm sido publicados em artigos vários. Veja-se Gomes *et al.* :2005: 221-237.

<sup>63</sup> A investigação das cerâmicas islâmicas da Rua dos Correeiros desenvolve-se desde 1997 e desde 1999 no âmbito do projecto POILIX (Bugalhão e Folgado, 2001; Bugalhão, Gomes e Sousa, 2003; Bugalhão e Martínez: 2005).

<sup>64</sup> Depois do Congresso de Lisboa, em 1987, realizaram-se os seguintes: o V Congresso, em Rabat e Marraqueche, em 1991, com actas publicadas em 1995; o VI Congresso em Aix-en-Provence, França, em 1995, com actas editadas em 1997; o VII Congresso, em Tessalónica, Grécia, em 1999, com actas publicadas em 2003; o VIII Congresso, realizado em Fevereiro de 2006 em Ciudad Real e Almagro, Espanha.



## O ensino da Arqueologia Medieval em Portugal

Apesar de se terem esboçado desde cedo, no pós-25 de Abril de 1974, as intenções de inserção da Arqueologia Medieval na estrutura curricular das licenciaturas em História – Variante de Arqueologia, a consolidação da disciplina, face às congêneres para períodos anteriores, só se efectiva nos anos 90. A Universidade do Porto é a excepção, onde se verificou a continuidade da regência desde 1978. As pós-graduações nesta área são escassas, cifrando-se numas quantas teses de mestrado, sendo algumas delas associadas não propriamente aos cursos de arqueologia mas aos cursos de história e história da arte. As poucas candidaturas a doutoramento em Arqueologia Medieval, salvo honrosas excepções, fizeram-se nos últimos anos e alguns projectos decorrem ainda<sup>65</sup>.

Vejamos, genericamente, a situação do ensino da Arqueologia Medieval nas universidades públicas portuguesas:

- No ano lectivo de 1978/79 iniciou-se na Faculdade Letras da Universidade do Porto, dentro da Licenciatura em História – Variante de Arqueologia e História da Arte, a cadeira de *Arqueologia Medieval em Portugal*, regida por C. A. Ferreira de Almeida e depois por Mário Jorge Barroca<sup>66</sup>. Foi a primeira disciplina obrigatória de *Arqueologia Medieval em Portugal*. A FLUP tem em funcionamento a Licenciatura em Arqueologia e oferece mestrado e doutoramento em Arqueologia, onde se inclui a área da *Arqueologia Medieval*.
- Em Braga, na Universidade do Minho, a licenciatura específica em arqueologia inclui a cadeira de *Arqueologia Medieval* (já oferecida em anterior curso, desde 1998-99), a cargo de Manuela Martins<sup>67</sup>. Aqui desenvolvem-se hoje especializações em *Arqueologia Urbana*, *Arqueologia da Paisagem e do Povoamento* e *Novas Tecnologias Aplicadas à Arqueologia*.
- Na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra leccionou-se pela primeira vez a disciplina de Arqueologia Medieval em 1985/86, oferecendo em 2005-2006, no curso de Licenciatura em História – Variante de Arqueologia, cadeiras de *Arqueologia Medieval* e de *Arqueologia Islâmica*, regidas por Helena Catarino.
- A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tal como atrás referimos, ministrou em 1977/78 a disciplina opcional de *Arqueologia Árabe Medieval*. Mais tarde leccionou-se, nos anos 80, a disciplina de *Arqueologia Medieval*, embora não se tivesse mantido ininterruptamente. Ministra-se em 2005-2006 a disciplina de *Arqueologia Islâmica*<sup>68</sup>, no 4º ano da licenciatura.
- Em 1996, com a designação de *Arqueologia II*, inicia-se na Universidade Nova de Lisboa o ensino da arqueologia medieval. A partir de 2002 esta disciplina dá lugar à abertura de outras duas, *Arqueologia Medieval Muçulmana* e *Arqueologia Medieval Cristã*, a cargo de Rosa Varela Gomes. Em 2005-2006 era oferecida pela U.N.L. a possibilidade de realização de pós-graduação em *História, Arqueologia e Património* e de mestrado e doutoramento em *História e Arqueologia Medievais*.
- A Universidade de Évora, na Licenciatura em História – Variante de Arqueologia, oferece no 3º ano a cadeira de *Arqueologia Árabo-Islâmica*, iniciada em 2002 e regida por Fernando Branco Correia. No ano lectivo 2004-2005 iniciou-se também a leccionação da disciplina de *Arqueologia Judaica*, a cargo de Carmen Ballesteros<sup>69</sup>.

<sup>65</sup> Cronologia de doutoramentos em Arqueologia Medieval desde os anos 90: Mário Jorge Barroca (Universidade do Porto) em 1996; Helena Catarino (Universidade de Coimbra) em 1997; Rosa Varela Gomes (Universidade Nova de Lisboa) em 1999; Em universidades estrangeiras, em 2005: Susana Gómez Martínez, (Universidade Complutense de Madrid) e Santiago Macías (Universidade de Lyon II), ambos do Campo Arqueológico de Mértola.

<sup>66</sup> C. A. Ferreira de Almeida leccionou a cadeira de Arqueologia Medieval entre 1978 e 1982, a partir de 1982/83 partilhou a regência com Mário Barroca e desde 1996, data do seu falecimento, ela ficou exclusivamente a cargo de Mário Barroca.

<sup>67</sup> No ano lectivo 2005-2006 a responsabilidade desta disciplina cabe a Luís Fontes.

<sup>68</sup> Ministrada por Carlos Fabião e Catarina Viegas.

<sup>69</sup> Desde inícios da década de 90 passou também a ser leccionada a cadeira de *Materiais e Estruturas Clássicas e Medievais*.

– Na Universidade do Algarve, a Licenciatura em Património Cultural oferecia a disciplina de *Arqueologia Medieval*, leccionada por Teresa Gamito. Tem abertos mestrados em *Arqueologia* e em *Cultura Árabe e Islâmica e o Mediterrâneo*. Um dos centros de investigação desta universidade, o *Centro de Cultura Árabe, Islâmica e Mediterrânica*, criado em 2001 e coordenado pela mesma docente, tem entre outros propósitos, o arqueológico.

### Alguns dados percentuais

Com base em elementos fornecidos pelo Instituto Português de Arqueologia<sup>70</sup>, ensaiámos a obtenção de alguns dados percentuais que nos proporcionam uma visão global do que se tem feito nos últimos 25 anos em Arqueologia Medieval em Portugal e uma leitura dos ritmos evolutivos das intervenções.

Nos ficheiros do IPA, em relação ao conjunto de sítios arqueológicos que engloba todos os períodos cronológicos, 18,7% correspondem a sítios onde se regista ocupação medieval (Gráfico 1).

Em 16 628 intervenções arqueológicas, realizadas no período entre 1980 e 2005, 3990 referem-se ao período medieval (Gráfico 2). Note-se que apenas 35,3% são escavações e sondagens, ou seja, investigação no subsolo e com possível continuidade. A maioria dos registos (58%) compreende acções de levantamento, prospecção e identificação, decorrentes de trabalhos de elaboração de cartas arqueológicas regionais ou de reconhecimento de áreas no âmbito de estudos de impacte ambiental ou de reconhecimento prévio a grandes obras. Se verificarmos a evolução das intervenções entre 1980 e 2005 (Gráfico 3), por períodos de cinco anos, concluímos por um acréscimo gradual nos primeiros quinze anos, na ordem dos 5% anuais, e a descolagem abrupta entre 1996 e 2000, com um volume de intervenções de mais 20%, que praticamente se mantém nos cinco anos seguintes, até 2005. Para este *boom* contribuiu seguramente o avultado número de acções de prospecção associadas a grandes obras.

A distribuição geográfica das intervenções, por distritos (Gráfico 4), revela-nos uma preponderância de intervenções em Beja, o que deve prender-se com a grande dimensão do distrito mas também com outros factores: a riqueza arqueológica da região, a facilidade de intervenção justificada pela baixa densidade populacional e algumas grandes obras viárias que exigiram acções de prospecção. Se observarmos a distribuição por grandes regiões (Gráfico 5), verificamos que não há desequilíbrios significativos, embora a região centro mantenha uma diferença de dez pontos percentuais.

### DINÂMICAS E PERSPECTIVAS ACTUAIS

O desejável cruzamento dos dados arqueológicos e das informações fornecidas pelas fontes escritas tem encontrado um campo de progressão favorável na arqueologia medieval cristã, sobretudo pela maior abundância de documentação face a anteriores cronologias. Ele tem sido contudo um recurso mais frequente para a contextualização e leitura de monumentos do que para a análise socio-política e económica. Por outro lado, a escassez de textos árabes com referências ao Garb, transpôs a arqueologia para a linha da frente, preenchendo vastas lacunas no entendimento da dimensão territorial e civilizacional árabo-islâmica. É de reconhecer que a arqueologia islâmica assumiu, na última década, um papel determinante na construção da nova história medieval portuguesa.

Apesar de se verificar que a relutância a este envolvimento, por parte de alguns investigadores, é ainda grande, arqueólogos e historiadores demonstram crescente necessidade de aproxi-

<sup>70</sup> Agradecemos ao Instituto Português de Arqueologia a consulta da sua base de dados e particularmente à Dra. Jacinta Bugalhão, pela sistematização dos mesmos.

mação, conscientes das vantagens mútuas que podem advir da conjugação de ideias e da partilha dos resultados de pesquisa. O mote para este envolvimento, no campo do islâmico, foi dado pela escola francesa. Christophe Picard, quando prepara o seu estudo sobre o Portugal muçulmano, preocupa-se em recolher as informações arqueológicas disponíveis, não só através da bibliografia mas do contacto directo com arqueólogos, chegando a participar em trabalhos de campo. O resultado, consagrado na obra *Le Portugal Musulman (VIII-XIIIe siècle)* (2000), e noutras duas que lhe são convergentes e complementares, além de artigos em parceria com arqueólogos<sup>71</sup>, revela esse esforço e serve de exemplo para outras sínteses de história medieval. Para o medieval cristão, C. A. Ferreira de Almeida lançou a prática da confluência das análises históricas e arqueológicas, onde a componente da História da Arte é parte integrante. Na sua esteira, outros arqueólogos e historiadores vêm ensaiando idênticas metodologias, que transportam gradualmente a arqueologia medieval para o centro da discussão e da produção historiográfica nacional. Lembremos a valorização da componente arqueológica no vol. I da *História de Portugal*, dirigida por José Mattoso (1992).

Outro aspecto a realçar é o dos estudos integrados, no âmbito da recuperação, restauro e valorização de edifícios de valor patrimonial, grande parte deles enquadráveis no período medieval, que têm vindo a conhecer evoluções muito positivas. Neste contexto, é crucial o papel da arqueologia, a par da história da arte e da arquitectura. Um novo desafio se apresenta, nos dias de hoje, ao arqueólogo medievalista que acompanha projectos deste tipo: o da arqueologia da arquitectura, que vem ganhando adeptos em Espanha e que entre nós tem conhecido preliminares experiências, no âmbito das acções de reabilitação do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR). As possibilidades que este método abre, na perspectiva de biografar o edifício, tentando compreendê-lo numa multiplicidade de vertentes, são por si só sedutoras. A igreja da S. Gião da Nazaré e o Mosteiro de Rendufe são os dois principais monumentos que, no âmbito do IPPAR, beneficiaram da complexa análise estratigráfica do edificado, em cooperação com a equipa do Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC) de Madrid, liderada por Luis Caballero Zoreda e com a participação dos arqueólogos Maria Ramalho (IPPAR) e Luís Fontes (Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho). Mais recentemente, sob a coordenação do mesmo investigador e no âmbito de um programa de iniciativa espanhola<sup>72</sup>, foi analisada a emblemática catedral de Idanha-a-Velha (CABALLERO ZOREDA (no prelo). Outras experiências têm sido levadas a cabo nalguns edificados ao cuidado do IPPAR<sup>73</sup> e também da Câmara Municipal de Lisboa, embora sem a abrangência e os meios financeiros das anteriores (RAMALHO, no prelo).

Estes estímulos sublinham a abertura da arqueologia medieval portuguesa aos estudos integrais e à inovação metodológica, ainda que condicionados pela frequente escassez de suporte financeiro ou pelo comodismo e pela resistência à mudança por parte de alguns intervenientes, desde os que protagonizam a investigação e o salvamento aos que os promovem. O IPPAR, através da sua revista *Estudos do Património*, divulga as iniciativas de valorização e restauro, bem como as novas experiências neste âmbito.

A expressão da arqueologia medieval portuguesa tem-se demonstrado também pela crescente escolha de Portugal como palco de reuniões internacionais de âmbito arqueológico alargado onde o medieval assume um forte protagonismo. Citemos, para o ano de 2005, o *8º Congresso Internacional de Estelas Funerárias* (Maio, Museu Nacional de Arqueologia, coordenação de J. Beleza Moreira), o *III Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu*

<sup>71</sup> As outras duas obras referidas são *La mer et les musulmans d'Occident au Moyen Age*, 1997; *L'Océan Atlantique musulman. De la conquête arabe à l'époque almohade*, 1997; artigos com Fernando Branco Correia e com Isabel Cristina F. Fernandes.

<sup>72</sup> Trata-se do projecto *Arqueologia da Arquitectura Altomedieval nas Astúrias, Extremadura e Portugal*, no âmbito do *Programa Nacional de Investigação Científica, Desenvolvimento e Inovação Tecnológica de Espanha*, com várias participações portuguesas.

<sup>73</sup> Nomeadamente no Mosteiro de Rendufe, sob a coordenação de Luís Fontes, da Universidade do Minho.

(Junho, Porto)<sup>74</sup>, o encontro *Al-Andalus, Espaço de Mudança* (Maio, Mértola), organizado pelo Campo Arqueológico de Mértola, o encontro *A Cidade no Ocidente Islâmico Medieval. A Medina em Formação* (Setembro, Silves), com direcção geral de J. Navarro Palazón e coordenação de R. Varela Gomes. Os Congressos de Arqueologia Peninsular, que vão na sua 4ª edição<sup>75</sup>, são igualmente fóruns regulares onde o medieval conta com vários espaços de debate e divulgação.

No campo editorial, para além das revistas citadas e de outras, de iniciativa municipal ou associativa<sup>76</sup>, das actas de congressos e seminários e dos catálogos de exposições, merecem menção a revista *Al-Madan*, (Centro de Arqueologia de Almada) – o periódico de arqueologia com maior divulgação na actualidade –, as edições do Instituto Português de Arqueologia: a *Revista Portuguesa de Arqueologia* e os *Trabalhos de Arqueologia* (Fig. 9), as obras de síntese sobre castelos, promovidas pelo IPPAR, com carácter regional ou monográfico e as grandes sistematizações, como é o caso do *corpus* de *Epigrafia Medieval Portuguesa*, da autoria de Mário Barroca. O catálogo da exposição *Pera Guerrejar, Armamento Medieval no Espaço Português*, que co-coordenámos, veio igualmente colmatar uma das lacunas do restrito universo de publicações portuguesas de arqueologia medieval.

O processo de afirmação da arqueologia medieval em Portugal, apesar de tardio e lento numa primeira fase, encontrou a partir dos anos 90 o seu caminho e a paridade aos apartados de períodos cronológicos anteriores. Os desafios da arqueologia urbana (muitas vezes em situações de emergência mas também em acções preventivas), da valorização de monumentos e sítios, acarretam-lhe grandes responsabilidades mas aí recolhe também as melhores bases de sustentação financeira e a vontade de inovar e progredir.

**Nota:** À data desta publicação não se encontram já entre nós, lamentavelmente, alguns dos arqueólogos citados no artigo. Deixo a minha homenagem a Teresa Gamito, a João Faria e a Armando Sabrosa.

## BIBLIOGRAFIA

### Actas, catálogos, revistas

- A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Actas do IV Congresso Internacional de Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental, Lisboa, 1987. Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, 1991.
- Actas das 1ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela, 1992, Câmara Municipal de Tondela, 1995.
- Actas das 2ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela, 1995, Câmara Municipal de Tondela, 1998.
- Actas das 3ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela, 1997, Câmara Municipal de Tondela, 2003.
- Arqueologia Medieval*, dir. Cláudio Torres, nºs 1 a 7, Porto, Ed. Afrontamento, Campo Arqueológico de Mértola, de 1992 a 2001.
- De Scallabis a Santarém*, coord. Ana M. Arruda, Catarina Viegas e M. José Almeida, Catálogo da exposição realizada em 2002 no Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002.
- Encontro de Arqueologia Urbana, Bracara Augusta*, Vol. XLV, nº 97(110), Câmara Municipal de Braga, Braga, 1994.
- Garb. Sítios islâmicos do sul peninsular*, coord. M. Lacerda, M. Soromenho, M.M. Ramalho, C. Lopes, Lisboa, IPPAR/ Departamento de Estudos- Junta de Extremadura/ Consejería de Cultura, 2001.

<sup>74</sup> Organizado pela *Sociedad Española para la Defensa del Patrimonio Geológico y Minero* (SEDPGYM), em colaboração com instituições portuguesas.

<sup>75</sup> O último realizou-se em Faro, em 2004.

<sup>76</sup> Por exemplo a *Xelb* (Silves), a *Al'ulya* (Loulé) e a *Arqueologia & História* (Associação dos Arqueólogos Portugueses), entre várias outras.

- Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos*, coord. Isabel Cristina F. Fernandes, Palmela, 3 a 8 de Abril de 2000, Palmela, Edições Colibri - Câmara Municipal de Palmela, 2002.
- Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (sécs. VIII a XIII)*, coord. Mário J. Barroca e Isabel Cristina F. Fernandes, Palmela, Câmara Municipal de Palmela e Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005.
- Museu de Mértola. *Cerâmica em Corda Seca de Mértola*, coord. Susana Gómez Martínez, Campo Arqueológico de Mértola, 2002.
- Museu de Mértola. *Arte Islâmica*, coord. Cláudio Torres e Santiago Macías, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, 2001.
- Palácio Almóada da Alcáçova de Silves*, coord. Rosa Varela Gomes e Mário Varela Gomes, Catálogo da exposição realizada em 2001 no Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2001.
- Pera Guerrejar- Armamento Medieval no Espaço Português*, coord. Mário Barroca, João Gouveia Monteiro e Isabel C. F. Fernandes, Catálogo da Exposição em Lisboa e Palmela, Abril a Julho de 2000, Palmela, Câmara Municipal de Palmela, 2000.
- Portugal islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo*, coord. Cláudio Torres e Santiago Macías, Catálogo da exposição realizada em 1998 no Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 1998.
- Tavira. Território e Poder*, coord. Maria Maia, Carla Fernandes, Marco Lopes, Sandra Cavaco, Catálogo da exposição realizada em 2003 no Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 1993.
- IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*, Lisboa 1992. Universidade de Barcelona / Universidade Nova de Lisboa, Barcelona, 1995.

## Estudos vários

- ALMEIDA, C. A. F. de (1986) «Arte da Alta Idade Média». *História da Arte em Portugal*, Vol. 2, Lisboa, Publicações Alfa.
- (1989) «Castelos e cercas medievais. Séculos X a XIII». *Portugal no Mundo, História das Fortificações Portuguesas no Mundo*, dir. de Rafael Moreira, Pub. Alfa, Lisboa, pp.38-54.
- ALMEIDA, F. de (1962), *Arte Visigótica em Portugal*. Lisboa.
- AMARO, C. et al. (1995). *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros*, Lisboa, Fundação B.C.P..
- BARROCA, M. J. (1987), *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séc. V a XV)*, Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto para Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica. Porto, ed. policopiada.
- (1994), *Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico (Séc. IX a XII)*. Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar.
- (1998), «D. Dinis e a arquitectura militar portuguesa», *Revista da Faculdade de Letras - História*, II Série, Vol. XV, Porto, p. 801-822.
- (Coord.) (1999), *Carlos Alberto Ferreira de Almeida. In Memoriam*. Vol. I, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- (2000) - *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, Vols. I, II e III, Porto, Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- (2000) (co-coord.) - «Armamento medieval português. Notas sobre a evolução do equipamento militar das forças cristãs». In BARROCA, M.J., MONTEIRO, J.G., FERNANDES, I.C. (Coord.) *Pera Guerrejar - Armamento Medieval no Espaço Português*, Catálogo da Exposição em Lisboa e Palmela, Abril a Julho de 2000, Câmara Municipal de Palmela, Palmela, p. 37-76. No mesmo catálogo, as fichas das peças nºs 8, 9 e 12.
- BOIÇA, J. e BARROS, M. F. R., (1999), «A mesquita-igreja de Mértola». In FERNANDES, I. C. F. (Coord.) *Ordens Militares - Guerra, Religião, Poder e Cultura*, Actas do III Encontro sobre Ordens Militares, Vol. 2, Palmela, Edições Colibri- Câmara Municipal de Palmela, p. 341-365.
- BUGALHÃO, J. e FOLGADO, D. (2001), «O arrabalde ocidental da Lisboa islâmica: urbanismo e produção oleira», *Arqueologia Medieval 7*, Campo Arqueológico de Mértola, Porto, Ed. Afrontamento, p. 111-145.



- BUGALHÃO, J. et al., «POILIX- Projecto de investigação sobre a produção oleira em Lisboa, no período islâmico. Primeiros resultados e perspectivas futuras». *IV Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval - Métodos e Resultados para o seu Estudo*, Tondela, 24 a 27 de Outubro de 2000 (no prelo).
- BUGALHÃO, J. e GOMEZ, S. (2005), «Lisboa, uma cidade do Mediterrâneo islâmico», In BARROCA, M. J. e FERNANDES, I. C. F. (Coord.) *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII)*, Palmela, Câmara Municipal de Palmela / Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 237-262.
- CABALLERO ZOREDA, L. «El edificio llamado Sé de Idanha a Velha y los resultados de su lectura de paramentos», *Al-Andalus, Espaço de Mudança*, Mértola, Maio de 2005, Campo Arqueológico de Mértola (no prelo).
- CALAIS, C. (1998), «Outeiro de Povos - resultado preliminar das primeiras intervenções arqueológicas». *Cira 7*, Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 1995/97, Vila Franca de Xira, p. 47-74.
- CARDOSO, G. e LUNA, I. (2002), «Paços do Concelho de Torres Vedras», In CARDOSO, G. et al., *Arqueologia no Distrito de Lisboa – Cadaval, Cascais e Torres Vedras*, Junta distrital de Lisboa, p. 8-12.
- CATARINO, H., (1998) «O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados». *Al-Ulyâ*, Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé, nº 6, Vols. I, II e III, 1997-98, Loulé.
- (2002), «Castelos e território omíada na Kura de Ossónoba». FERNANDES, I. C. F. (Coord.) *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos - Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, Palmela, 2000, Câmara Municipal de Palmela / Edições Colibri, p. 29-44.
- (2000a) - «O castelo de Povos (Apontamentos sobre o período islâmico em Vila Franca de Xira)». *Catálogo da Exposição Senhor da Boa Morte - Mitos, História, Devoção*, 28 de Junho a 8 de 2000, Celeiro da Patriarcal, Vila Franca de Xira, p. 43-51.
- COELHO, A. B. (1972-1975), *Portugal na Espanha Árabe*, Vol. I a IV, Lisboa, Seara Nova.
- COELHO, C. (1999), «A ocupação islâmica do Castelo dos Mouros (Sintra). Interpretação comparada». *Actas do II Congresso de Arqueologia Peninsular (1996)*, Tomo IV- *Arqueologia Romana y Medieval*, Zamora, Ed. Behrmann y Ramirez, Fundación Rei Afonso Henriques- Universidad de Alcalá, p. 527-536..
- CORREIA, F. B. (1996) «Espaços fortificados de época e influência islâmica na margem direita do curso médio do Guadiana». *Bataliús - El reino Taifa de Badajoz*. Estudios, Letrúmero, Madrid, p. 77-88.
- (1998), «Fortificações islâmicas do Gharb», *Portugal islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo*, TORRES, C. e MACÍAS, S. (Coord.), Lisboa, MNA, p. 193-206.
- CUNHA, Eugénia (2002), «Antropologia física e paleoantropologia em Portugal: um balanço», *Arqueologia & História – Arqueologia 2000. Balanço de um Século de Investigação Arqueológica em Portugal*. Vol. 54, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 261-272.
- FABIÃO, Carlos (1999) «Um século de arqueologia em Portugal-I», *Al-Madan*, II Série, nº 8, Centro de Arqueologia de Almada, p. 104-126.
- FERNANDES, I. C. F. (2001), «Castelos da Ordem de Santiago: a região do Sado». *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, 22 a 26 de Setembro, Vila Real, 1999, Vol. VII: *Arqueologia da Idade Média da Península Ibérica*, Sessão 23: «Fortificações dos Reinos Cristãos: origens e evolução (séc. IX– XIV)», Porto, ADECAP, p. 169-186.
- (2001a), «A península de Setúbal em época islâmica». *Actas do Colóquio Lisboa, Encruzilhada de Muçulmanos, Judeus e Cristãos*, Out. 1997, Lisboa. *Arqueologia Medieval 7*, Campo Arqueológico de Mértola, Porto, Ed. Afrontamento, p. 185-209.
- (2003), «Revestimentos e decoração em cerâmica islâmica de Palmela- Portugal». *Actes du VII Congrès International sur la Céramique Médiévale en Méditerranée*, Tessalónica, Grécia, 11 a 16 de Outubro de 1999. Ministère de Culture / Caisses de Recettes Archéologiques, Atenas, p. 639-652.
- (2004), *O Castelo de Palmela. Do islâmico ao cristão*. Lisboa, Edições Colibri-Câmara Municipal de Palmela.
- (2005), «O restauro dos castelos de Portugal (anos 30-60 do séc. XX)». *Simposio Internacional Arquitectura Fortificada: Conservación, Restauración y Uso de los castillos*. Segovia, 24, 25 e 26 Novembro 2004, Valladolid, Fundación del Patrimonio Histórico de Castilla y León, p. 159-194.
- FERNANDES, P. A. - (2002), *A igreja pré-românica de São Pedro de Lourosa*, Lisboa, Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Restauro apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ed. policopiada.

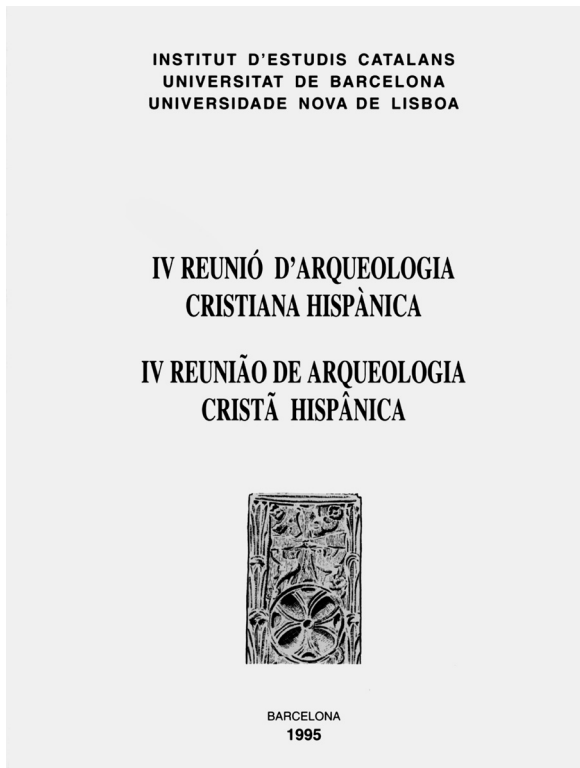
- (2003) «O Contributo de D. Fernando de Almeida para o estudo da Alta Idade Média em Portugal». *Arqueologia e História*, nº 55, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 205-213.
- (2005), «Eclétismo. Classicismo. Regionalismo», In BARROCA, M. J. e FERNANDES, I. C. F. (Coord.) *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII)*, Palmela, Câmara Municipal de Palmela / Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 293-310.
- FONTES, L. O. (1992), «O Norte de Portugal no Período Suevo – Visigótico. Elementos para o seu estudo», In *Actas XXXIX Corso di Cultura Sull'Arte Ravennate e Bizantina*, Ravenna, p. 217-248.
- (1991-92), «Salvamento Arqueológico de Dume (Braga). Resultados das Campanhas de 1989-90 e 1991-92», *Cadernos de Arqueologia*, Série II, Vols. 8-9, Braga, p. 199-230.
- (2002), «Arqueologia Medieval Portuguesa», *Arqueologia & História – Arqueologia 2000. Balanço de um Século de Investigação Arqueológica em Portugal*. Vol. 54, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 221-238.
- GASPAR, A. e AMARO, C. (1997), «Cerâmicas dos sécs. XIII-XV da cidade de Lisboa». *Actes du Ve Congrès La Céramique Médiévale en Méditerranée*, Nov. de 1995, Aix-en-Provence, p. 337-345.
- GOMES, A. e GASPAR, A., (2002), «O Castelo de S. Jorge: resultados dos trabalhos arqueológicos». FERNANDES, I. C. F. (Coord.) *Simpósio Internacional sobre Castelos - Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, Palmela, 2000, Câmara Municipal de Palmela / Edições Colibri, p. 397-404.
- GOMES, A. et. al. (2005), «Cerâmicas medievais de Lisboa - continuidades e rupturas», In BARROCA, M. J. e FERNANDES, I. C. F. (Coord.) *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII)*, Palmela, Câmara Municipal de Palmela / Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 221-236.
- GOMES, R. V. (1988), *Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves*. Xelb, 1, Silves.
- (1995), «Cerâmicas medievais do Sul de Portugal – Qual o estado da questão?». *Actas das 1<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela 1992, Câmara Municipal de Tondela, p. 293-297.
- (2002), «O Século XX e a Arqueologia Muçulmana em Portugal», *Arqueologia & História – Arqueologia 2000. Balanço de um Século de Investigação Arqueológica em Portugal*. Vol. 54, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 203-220.
- (2002a), *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: território e cultura*. Trabalhos de Arqueologia 23, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.
- (2003), *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: a alcáçova*. Trabalhos de Arqueologia 35, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.
- GOMES, R. V. e GOMES, M. V. (2004), «O Ribat da Arrifana (Aljezur, Algarve). Resultados da campanha de escavações arqueológicas de 2002», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 7, nº 1, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, p. 483-573.
- GOMÉZ MARTÍNEZ, S. (1997), «Cerâmica decorada islâmica de Mértola– Portugal (ss. IX– XIII)». *Actes du Ve Congrès de l'AIECM2 La Céramique Médiévale en Méditerranée*, 13-18 Nov. 1995, Aix-en-Provence, p. 311-325.
- (1998), «A cerâmica no Gharb al-Ândalus». In *Portugal islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo*, TORRES, C. e MACÍAS, S. (Coord.), Lisboa, MNA, p. 121-131.
- (2003), «La cerâmica islâmica entre Tajo y Duero». (Sécs. VIII a XIII), In BARROCA, M. J. e FERNANDES, I. C. F. (Coord.) *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII)*, Palmela, Câmara Municipal de Palmela / Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 215-220.
- GUERRA, A. e FABIÃO, C., (2002), «Mesas do Castelinho, Almodôvar: uma fortificação rural islâmica do Baixo Alentejo», In FERNANDES, I. C. F. (Coord.) *Simpósio Internacional sobre Castelos - Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, 2000, Palmela, Câmara Municipal de Palmela / Edições Colibri, p. 171-176.
- LACERDA, A. de (1942), *História da Arte em Portugal*, Vol. I, Porto.
- LOPES, C. e RAMALHO, C. (2001), «Presença islâmica no Convento de S. Francisco de Santarém», *Garb. Sítios Islâmicos do Sul Peninsular*, Instituto Português do Património Arquitectónico – Junta de Extremadura, p. 31-88.
- LOPES, Isabel Justo (2004) - *Contextos Materiais da Morte durante a Idade Média: as necrópoles do Douro Superior*, 2 vols., Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto

- MACÍAS, S. (1993), «Moura na Baixa Idade Média: Elementos para um estudo histórico e arqueológico». *Arqueologia Medieval* 2, C. A. Mértola, Porto, Edições Afrontamento, p. 127-157.
- (1996), *Mértola islâmica- Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova (Séc. XII-XIII)*. Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- (2006), *Mértola, último porto do Mediterrâneo*. Campo Arqueológico de Mértola.
- MACIEL, Justino (1996), *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*, Lisboa.
- MARQUES, Jorge A. M. (2000) - *Sepulturas escavadas na rocha na região de Viseu*, Viseu.
- MATOS, J. L. de (1991), «Influências orientais na cerâmica muçulmana do Sul de Portugal». *Estudos Orientais* II, *O Legado Cultural de Judeus e Mouros*, Lisboa, Instituto Oriental, p. 75-83.
- (2003), «D. Fernando de Almeida na encruzilhada da arqueologia portuguesa». *Arqueologia e História*, nº 55, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 201-204.
- MATTOSO, José (Coord.) (1993), *História de Portugal*, Vol. I e II, Lisboa, Círculo de Leitores.
- NETO, M. J. B. (2001) – *Memória, Propaganda e Poder. O Restauro dos Monumentos Nacionais (1929-1960)*, Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.
- PAIXÃO, A. C. et al. (1994), «O castelo de Alcácer do Sal: um projecto de arqueologia urbana». *Actas do III Encontro de Arqueologia Urbana, Braga, 1994, Bracara Augusta*, vol. XLV, nº 97 (110), Câmara Municipal de Braga, p. 227.
- (2002), «Aspectos da presença almôada em Alcácer do Sal (Portugal)». In FERNANDES, I. C. F. (Coord.) *Simpósio Internacional sobre Castelos - Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, 2000, Câmara Municipal de Palmela/ Edições Colibri, p. 369-384.
- PEREIRA, A.L. e LOPES, I. A. J. (2005), *Património Arqueológico do Concelho de Carraceda de Ansiães*, Câmara Municipal de Carraceda de Ansiães.
- PICARD, C. (1997), *La Mer et les Musulmans d'Occident au Moyen Age (VIIIe -XIIIe siècle)*. Col. Islamiques, Paris, P.U.F.
- (1997<sup>a</sup>), *L'Océan Atlantique Musulman. De la Conquête Arabe à l'Époque Almohade*. Paris, Maisonneuve & Larose, Éditions Unesco.
- (2000), *Le Portugal musulman (VIIIe-XIIIe siècle). L'Occident d'al-Andalus sous domination islamique*. Paris, Maisonneuve & Larose.
- PICARD, C. e FERNANDES, I. C. F. (1999), «La défense côtière au Portugal à l'époque musulmane: l'exemple de la presqu'île de Setúbal». *Archéologie Islamique*, 8-9, (1998), Paris, Maisonneuve & Larose, p. 67-94.
- RAMALHO, M. M., «Os primeiros passos da Arqueologia da Arquitectura no âmbito do Instituto Português do Património Arquitectónico». *Revista de Arqueologia da Arquitectura*, nº 3, Vitoria: Universidade del País Vasco, Instituto de Historia, C.S.I.C., Madrid (no prelo).
- REAL, M. L. (1980), «Convento da Costa (Guimarães). História e Arqueologia». *Arqueologia*, nº 1, Porto, p. 35-37.
- (1995), «Inovação e resistência: Dados recentes sobre a antiguidade cristã no ocidente peninsular». *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*, Lisboa 1992, Barcelona, p. 17-68.
- (2000), «Portugal- Cultura visigoda y cultura mozárabe». In CABALLERO, L. e MATEOS, P., (Coord.) *Visigodos y Omeyas- Un Debate entre la Tardoantigüedad y la Alta Edad Media*, 1999, Mérida. Madrid, Consorcio Monumental de la Ciudad de Mérida / CSIC, p. 21-76.
- (2005), «Mosteiro de Fráguas no contexto do pré-românico da Beira Interior (Portugal)». In BARROCA, M. J. e FERNANDES, I. C. F. (Coord.) *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII)*, Palmela, Câmara Municipal de Palmela / Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 275-292.
- «A escultura decorativa em Portugal: o grupo *Portugalense*». In *Reunião de Escultura Decorativa Hispânica*, Mérida, 2005 (no prelo).
- REAL, M. L. et al. (1995), «Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica da Casa do Infante - Porto: Elementos para uma sequência longa - séculos IV a XIX». *Actas das 1<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela 1992, Câmara Municipal de Tondela, p. 171-186.
- SABROSA, A. e ESPÍRITO SANTO, P. (1992), «Almada medieval-moderna. Um projecto de investigação». *Al-madan*, II Série, nº 1, Centro de Arqueologia de Almada, p. 5-12.

- SILVA, A. C. (1999), «Arqueologia Portuguesa no séc. XX. Um testemunho muito pessoal», *Al-Madan*, II Série, nº 8, Centro de Arqueologia de Almada, p. 133-137.
- SILVA, A. M. (Coord) (2004), *Mémoires da Terra. Património Arqueológico do Concelho de Arouca*, Arouca, Câmara Municipal de Arouca.
- TEIXEIRA, R. (1999), «Arqueologia dos espaços cistercienses no Vale do Douro», In *Cister no Vale do Douro*, Porto, Edições Afrontamento, p. 191-242.
- TENTE, C. e LOURENÇO, S. (2002), «Sepulturas medievais do distrito de Évora», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 5, Nº 1, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, p. 239-258.
- TORRES, C. (1987), *Cerâmica Islâmica Portuguesa*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- (1993), *Núcleo Visigótico- Museu Regional de Beja*. Catálogo da Exposição, Ed. Museu Regional de Beja e Assembleia Distrital de Beja.
- (1994), «Lisboa muçulmana e o seu território». *Lisboa Subterrânea*, Catálogo da exposição, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, p. 81-86.
- (1998), *O legado islâmico em Portugal*. Lisboa, Fundação Círculo de Leitores.
- (1992), «O Garb-al-Andaluz», In MATTOSO, J. (Coord.) *História de Portugal*, Vol. I, Círculo de Leitores, p. 361-416.
- TORRES, C. e MACÍAS, S. (1995) «A arte islâmica no ocidente Andaluz», In PEREIRA, P. (coord.), *História da Arte Portuguesa*, Vol. Lisboa, Círculo de Leitores, p.
- VEIGA, S. M. E. da (1880), *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, Vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional.
- (1983), *Memórias das antiguidades de Mértola*, Ed. fac-similada de 1880, Imprensa Nacional – Casa da Moeda / Câmara Municipal de Mértola.
- VIANA, A. (1959), «Suevos e Visigodos no Baixo Alentejo», *Bracara Augusta*, Braga.
- (1962), *Algumas Noções Elementares de Arqueologia Prática*, Beja.
- VIEGAS, C. e ARRUDA, A. M., (1999), «Cerâmicas islâmicas da alcáçova de Santarém». *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 2, número 2, Lisboa, p. 105-186.
- VIEIRA, M. A. (2004), *Alto Paiva. Povoamento nas épocas romana e alto-medieval*, Trabalhos de Arqueologia 36, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.

**Nota:** Outras informações, nomeadamente relativas a projectos de investigação e intervenções arqueológicas obtiveram-se da base de dados do IPA ou foram-nos fornecidas por colegas arqueólogos, a quem agradecemos.

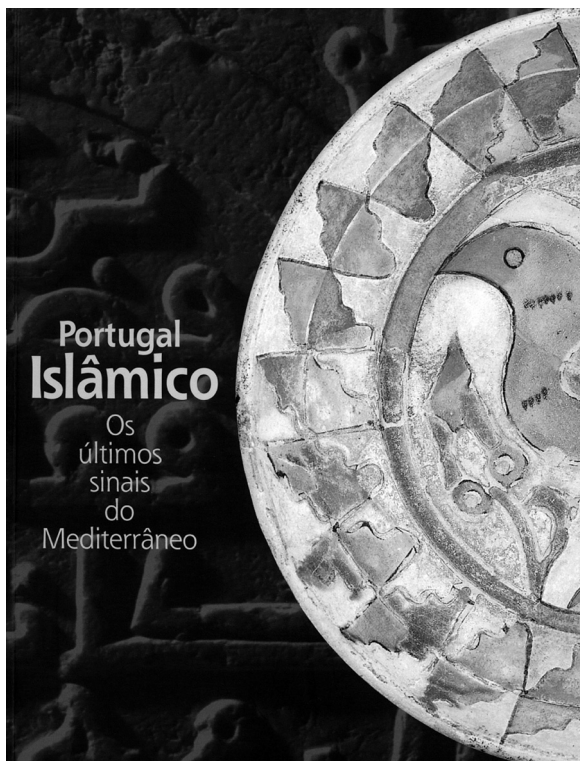




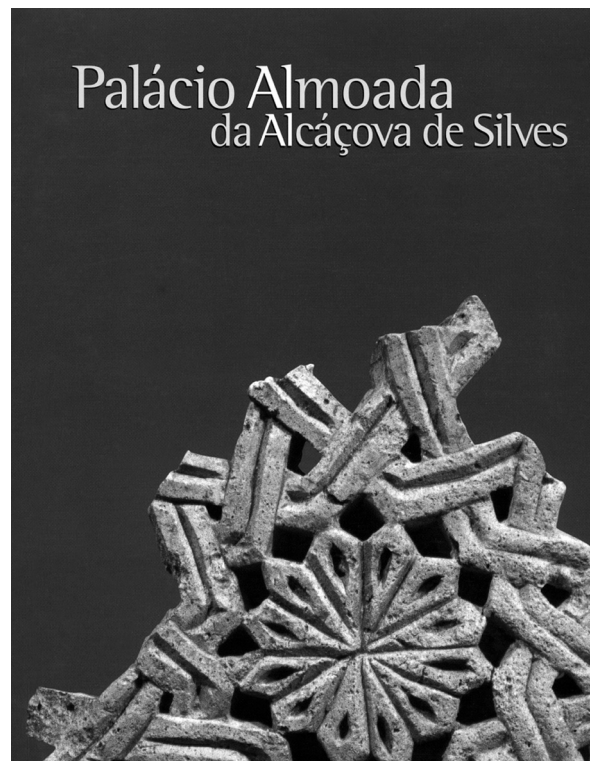
**Fig. 1** – Capa das actas da IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica, realizada em Lisboa em 1992, encontro que reanimou a discussão em torno da arqueologia paleocristã em Portugal.



**Fig. 2** – Capa do nº 7 da revista *Arqueologia Medieval*, editada pelo Campo Arqueológico de Mértola, que integra estudos de índole histórica e arqueológica relativos ao período medieval.

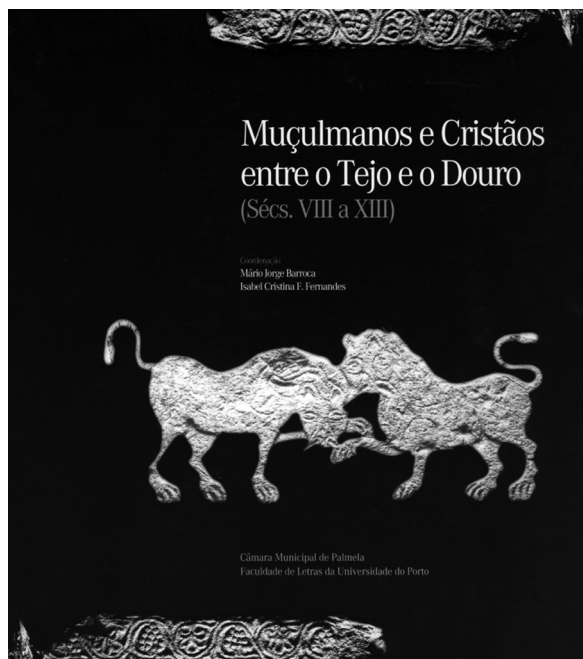


**Fig. 3** – A exposição *Portugal islâmico, últimos sinais do Mediterrâneo*, patente no Museu Nacional de Arqueologia em 1998, foi a primeira grande mostra de arqueologia medieval islâmica em Portugal.

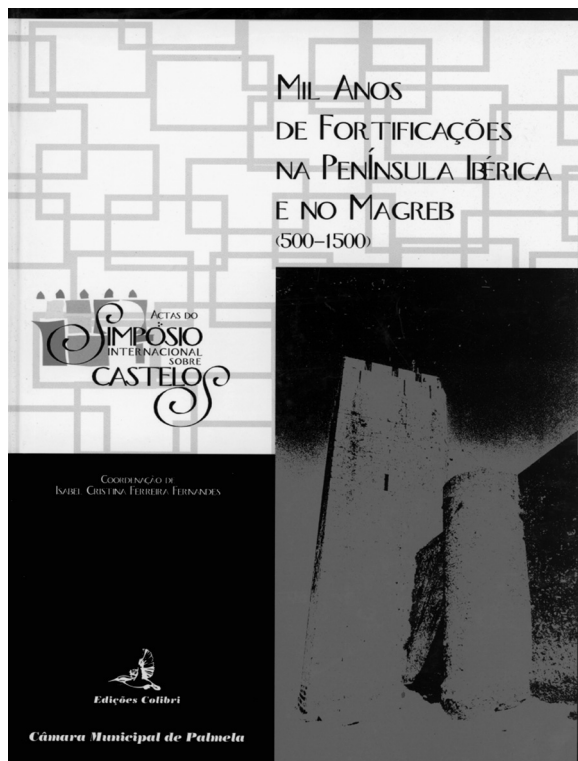


**Fig. 4** – A exposição *Palácio Almóada de Silves*, realizada em 2001 no Museu Nacional de Arqueologia, deu a conhecer novos resultados das últimas investigações arqueológicas do período islâmico em Silves.

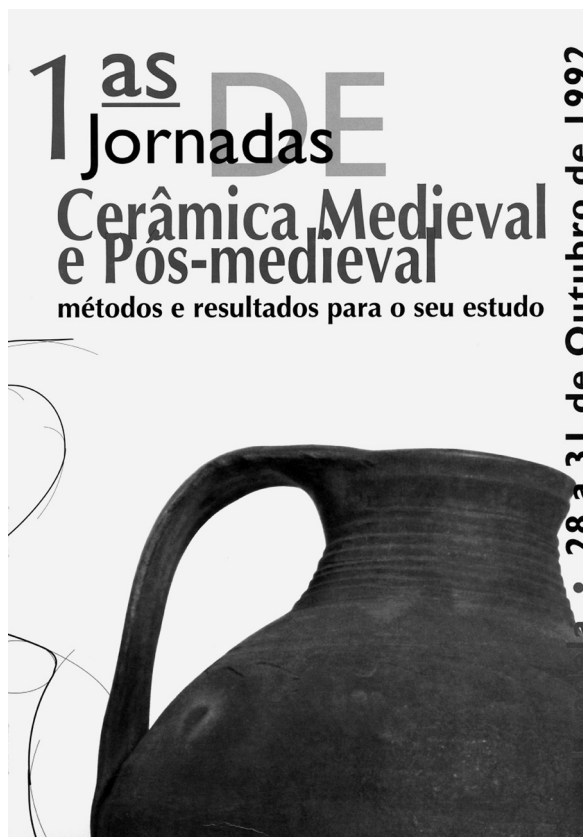




**Fig. 5** – Capa das actas do seminário *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII)*, realizado em Palmela e no Porto, e que pretendeu discutir e divulgar os resultados das últimas pesquisas arqueológicas entre o Tejo e o Douro, neste âmbito cronológico.



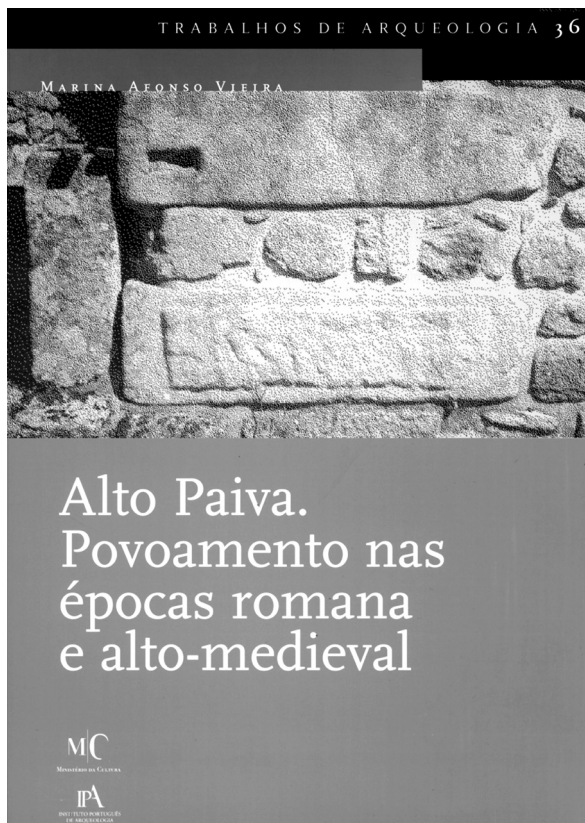
**Fig. 6** – Capa das actas do *Simpósio Internacional sobre Castelos – Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, realizado em Palmela, em 2000, que inclui um importante conjunto de estudos históricos e arqueológicos de castelos do espaço ibérico e magrebino.



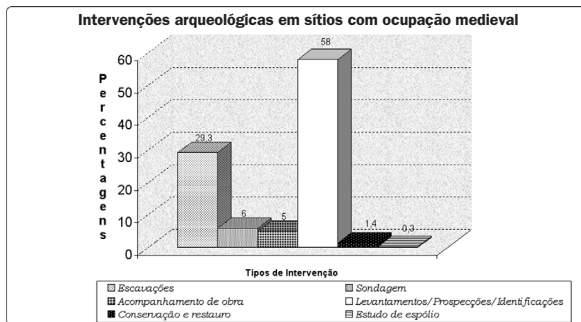
**Fig. 7** – Capa das Actas das *1ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, realizadas em Tondela, em 1992, a que se seguiriam outras e que marcaram o universo dos estudos portugueses em cerâmica medieval.



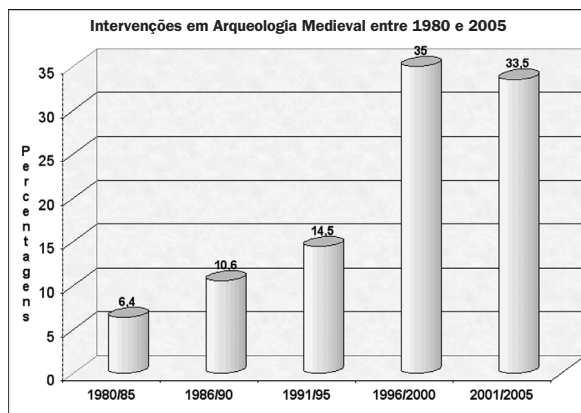
**Fig. 8** – Capa do catálogo *Cerâmica em Corda Seca de Mértola*, do Museu de Mértola, onde os estudos de cerâmica medieval islâmica de proveniência arqueológica têm tido notória expressão.



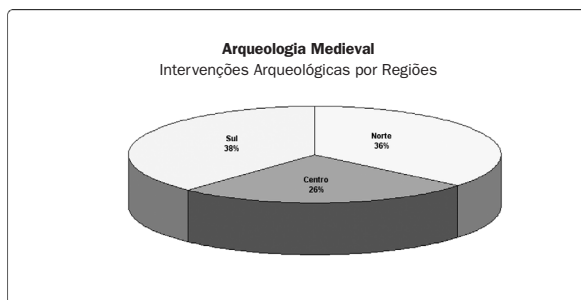
**Fig. 9** – Capa do nº 36 de *Trabalhos de Arqueologia*, do Instituto Português de Arqueologia, que publica trabalhos de síntese, nomeadamente dissertações de mestrado e de doutoramento em arqueologia.



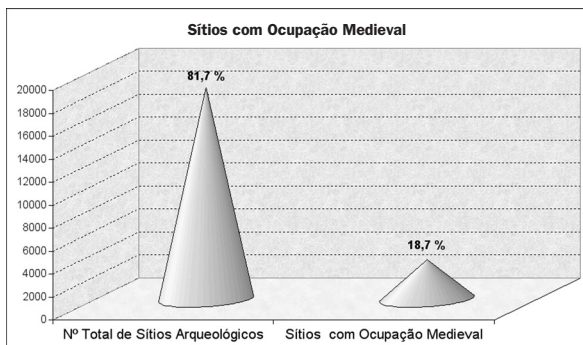
**Gráfico 2** – Intervenções arqueológicas em sítios com ocupação medieval: relação percentual por tipos de intervenção.



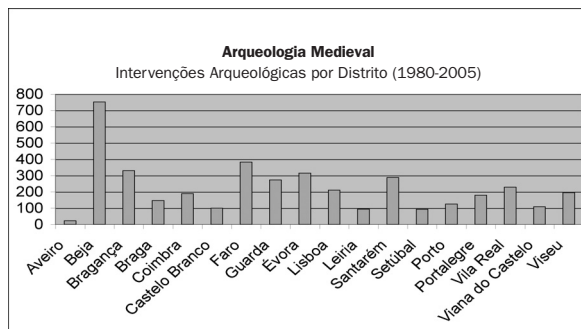
**Gráfico 3** – Evolução das intervenções em arqueologia medieval entre 1980 e 2005.



**Gráfico 4** – Distribuição das intervenções em arqueologia medieval por grandes regiões.



**Gráfico 1** – Percentagem de sítios arqueológicos com ocupação medieval em relação ao número total de sítios arqueológicos registados.



**Gráfico 5** – Intervenções em arqueologia medieval por distrito.